

1ª Edição, 1ª Reimpressão

Programa de Formação da CNTE

Um novo conceito de atuação sindical

Fascículo 3

Como Fazer Análise de Conjuntura

Claudia Santiago

Reginaldo Carmello de Moraes



Formação de Dirigentes Sindicais

2

Eixo



Confederação Nacional dos
Trabalhadores em Educação
www.cnte.org.br

Brasil



ESFORCE
ESCOLA DE FORMAÇÃO DA CNTE



Lärarförbundet
SINDICATO DE EDUCADORES DA SUÉCIA

Programa de Formação da CNTE
Um novo conceito de atuação sindical

Eixo 2 - Fascículo 3

Como fazer Análise de Conjuntura

Claudia Santiago
Reginaldo Carmello de Moraes

3ª Edição, 1ª Reimpressão

Brasília, DF
CNTE/ESFORCE
2014

© 2014 CNTE

Qualquer parte deste caderno pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Disponível também em: <http://cnte.org.br/index.php/secretarias/formacao.html>

Coordenação: Gilmar Soares Ferreira - Secretário de Formação
Helena Araújo Filho - Secretário de Assuntos Educacionais

Secretaria da Escola de Formação (Esforce): Cristina S. de Almeida

Equipe de edição: Claudia Santiago, Marina Schneider, Sheila Jacob, Luisa Santiago e Ana Lúcia Vaz

Projeto gráfico e editorial: Vito Giannotti

Capa e diagramação: Daniel Costa e Frisson Comunicação

Ilustrações: Latuff / Hélio Arakaki

1ª Edição: Sindicato dos Trabalhadores do Ensino Público de Mato Grosso (SINTEP/MT), em 2000

2ª Edição (revisão): Escola Centro-Oeste de Formação da CUT (ECO/CUT), em janeiro de 2007

1ª Edição: 2008

1ª Edição - 1ª Reimpressão: 2014

Os grifos, destaques, ênfases e todos os recursos de diagramação são de responsabilidade exclusiva da atividade de diagramação. Foram usadas com o objetivo de tornar o texto mais atrativo à leitura.

*Esta publicação obedece às regras do Novo Acordo Ortográfico de Língua Portuguesa.
Foi feito depósito legal.*

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Santiago, Claudia.

Como Fazer Análise de Conjuntura / Claudia Santiago, Reginaldo Carmello de Moraes. -- 1ª ed., 1ª reimp. Brasília/DF: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, 2014. 64 p. -- (Formação de Dirigentes Sindicais, Eixo 2, Fascículo 3)

Programa de formação da CNTE: um novo conceito de atuação sindical

1. Educação Sindical. 2. Formação Sindical. 3. Análise de Conjuntura, teoria. 4. Cenário Mundial. 5. Evolução Histórica. I. Título. II. Série. III. CNTE.

CDU: 308(81)(07)

Bibliotecária: Cristina S. de Almeida CRB 1/1817

Gestão 2014/2017

Direção Executiva da CNTE

Presidente

Roberto Franklin de Leão (SP)

Vice-Presidente

Milton Canuto de Almeida (AL)

Secretário de Finanças

Antonio de Lisboa Amancio Vale (DF)

Secretária Geral

Marta Vanelli (SC)

Secretária de Relações Internacionais

Fátima Aparecida da Silva (MS)

Secretário de Assuntos Educacionais

Heleno Manoel Gomes de Araújo Filho (PE)

Secretário de Imprensa e Divulgação

Joel de Almeida Santos (SE)

Secretário de Política Sindical (licenciado)

Rui Oliveira (BA)

Secretário de Formação (licenciado)

Gilmar Soares Ferreira (MT)

Secretária de Organização

Marilda de Abreu Araújo (MG)

Secretário de Políticas Sociais

Antonio Marcos Rodrigues Gonçalves (PR)

Secretária de Relações de Gênero

Isis Tavares Neves (AM)

Secretário de Aposentados e Assuntos Previdenciários

Joaquim Juscelino Linares Cunha (CE)

Secretário de Assuntos Jurídicos e Legislativos

Francisco de Assis Silva (RN)

Secretária de Saúde dos(as) Trabalhadores(as) em Educação

Maria Antonieta da Trindade (PE)

Secretária de Assuntos Municipais

Selene Barboza Michielin Rodrigues (RS)

Secretário de Direitos Humanos

José Carlos Bueno do Prado - Zezinho (SP)

Secretário de Funcionários

Edmilson Ramos Camargos (DF)

Secretária de Combate ao Racismo

Iêda Leal de Souza (GO)

Secretária Executiva (licenciada)

Claudir Mata Magalhães de Sales (RO)

Secretário Executivo

Marco Antonio Soares (SP)

Secretário Executivo

Cleiton Gomes da Silva (SP)

Secretária Executiva

Maria Madalena Alexandre Alcântara (ES)

Secretária Executiva

Paulina Pereira Silva de Almeida (PI)

Secretário Executivo

Alvisio Jacó Ely (SC)

Secretária Executiva

Rosana Souza do Nascimento (AC)

Secretária Executiva

Candida Beatriz Rossetto (RS)

Secretário Executivo

José Valdivino de Moraes (PR)

Secretária Executiva

Lirani Maria Franco (PR)

Secretária Executiva

Berenice D'Arc Jacinto (DF)

Secretário Executivo (licenciado)

Antonio Júlio Gomes Pinheiro (MA)

SUPLENTES

Beatriz da Silva Cerqueira (MG)

Carlos Lima Furtado (TO)

Elson Simões de Paiva (RJ)

Francisca Pereira da Rocha Seixas (SP)

João Alexandrino de Oliveira (PE)

Maria da Penha Araújo (João Pessoa/PB)

Marilene dos Santos Betros (BA)

Miguel Salustiano de Lima (RN)

Nelson Luis Gimenes Galvão (São Paulo/SP)

Rosilene Correa Lima SINPRO (DF)

Ruth Oliveira Tavares Brochado (DF)

Suzane Barros Acosta (Rio Grande/RS)

Veroni Salete Del'Re (PR)

CONSELHO FISCAL - TITULARES

José Teixeira da Silva (RN)

Ana Cristina Fonseca Guilherme da Silva (CE)

Flávio Bezerra da Silva (RR)

Antonia Benedita Pereira Costa (MA)

Gilberto Cruz Araujo (PB)

CONSELHO FISCAL - SUPLENTES

Rosimar do Prado Carvalho (MG)

João Correia da Silva (PI)

João Marcos de Lima (SP)

Coordenador do DESPE: Mário Sérgio Ferreira de Souza (PR)

CNTE

SDS Ed. Venâncio III, salas 101/106, Asa Sul, CEP: 70.393-902, Brasília-DF, Brasil.

Telefone: + 55 (61) 3225-1003 Fax: + 55 (61) 3225-2685 E-mail: cnte@cnte.org.br » www.cnte.org.br

Mensagem da CNTE

A Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação apresenta o fascículo 3 do eixo 2 do Programa de Formação de Dirigentes Sindicais.

É mais um fascículo da nossa série que visa dar melhores condições para cada militante da nossa Confederação poder saber mais, conhecer mais e assim ter mais e melhores condições de luta.

O objetivo do tema **“COMO FAZER ANÁLISE DE CONJUNTURA”** é possibilitar aos dirigentes sindicais o acesso a um instrumento que lhes possibilite analisar criticamente o contexto histórico no qual vivemos e no qual desenvolvemos nossas lutas.

Cada um de nós sabe que é necessário se capacitar, a cada dia, para poder intervir e mudar o curso dos acontecimentos segundo os interesses imediatos e históricos da nossa categoria e da nossa classe.

Só assim poderemos dar passos seguros rumo à transformação da sociedade na qual atuamos e avançar na construção de uma sociedade baseada na justiça, na solidariedade e na inclusão social.

Para o dirigente sindical, a ferramenta da análise de conjuntura é condição essencial em sua tarefa de definir, mobilizar e lutar por um projeto político de atuação sindical de acordo com os princípios e os ideais da nossa Confederação.

Veremos, então, ao longo deste caderno que a análise de conjuntura é uma arte que nós precisamos colocar a serviço do nosso projeto sindical e social.

**Direção da CNTE
Abril 2008**

Apresentação

Por Reginaldo Carmello de Moraes

Para começar, é preciso que se diga: se você acha que depois de ler essa cartilha vai virar um especialista em análise de conjuntura, que vai sair por aí dizendo o que o mundo é e o que deve ser, perca a esperança. Ela não serve para isso.

A primeira coisa que a cartilha pretende dizer é o seguinte: para começar a entender o mundo, comecemos pela humildade. Um grande sábio já disse: só sei que nada sei. Não precisa chegar a tanto. Basta a gente reconhecer que sabemos pouco e que temos muito que aprender. Aliás, a primeira coisa importante, para aprender a analisar a conjuntura, é reconhecer qual tipo de conhecimento, qual tipo de habilidade, qual tipo de ferramenta temos que dominar. Em outras palavras, reconhecer aquilo que não sabemos e distinguir aquilo que precisamos aprender.

Dissemos ferramenta? Sim, os conhecimentos especializados - economia, política, sociologia, psicologia, física, matemática, estatística - são ferramentas. Instrumentos intelectuais para explicar o mundo.

Uns servem para algumas aplicações, algumas realidades, e não servem para outras. Este caderno tenta dizer quais conhecimentos são ferramentas indispensáveis. E tenta

também tirar da nossa cabeça isso que podemos chamar de “fetiche da ferramenta universal”.

Quer dizer: não podemos imaginar que uma ferramenta, por mais fascinante que seja, resolva todos os problemas. Martelos servem para pregos, não para parafusos. Se você se deixar fascinar pelo seu martelo, você vai estragar o parafuso.

Tem gente que se especializa num desses conhecimentos - matemática, economia, psicologia, qualquer um - e tenta explicar tudo com ele. Não funciona. A realidade vem de todos os lados e precisa ser examinada por vários ângulos. O caminho é difícil, trabalhoso - mas é melhor saber disso, melhor do que “dar a impressão” de que explica um fato, só porque usa uma ferramenta charmosa, sofisticada.

Outra coisa. A cartilha tenta nos mostrar um outro lado da humildade fundamental. É a dúvida. Muitos de vocês já ouviram falar de um grande sábio e matemático francês, René Descartes, lá do século XVII. Um dia, Descartes pensou em escrever um livro sobre o método, o caminho para o conhecimento seguro. E a primeira coisa que fez foi reconhecer a confusão em que estava, com tantas certezas sendo jogadas na sua mente.

Olhava para um lado, e um respeitável filósofo dizia que o mundo era isto e aquilo, que o comportamento correto era este e aquele. Tudo muito bem demonstrado, com razões e exemplos firmes. Vinha de outro lado um outro sábio, igualmente respeitável, e dizia o contrário. Com razões e exemplos também muito sólidos. Daí, Descartes tomou a primeira e importante decisão de seu método: o ceticismo preventivo. Colocar em dúvida tudo o que parecia verdadeiro. Aquilo que sobrevivesse à dúvida seria a primeira verdade, pedra sobre a qual ele ergueria o conjunto das outras verdades.

Muitos de nós também ouvimos falar de outro sábio, um italiano do século XVI que ficou famoso como um dos primeiros “analistas de conjuntura política” dos tempos modernos. Para muitos, o fundador dessa arte. Maquiavel dizia que tínhamos que tratar a política - a ciência do poder - com racionalidade, frieza, cálculo. Quase como se fosse um cálculo de física.

Ele fazia a seguinte comparação. Pensemos em alguém que fosse calcular como acertar uma flecha num alvo - ele mediria a distância e a altura do alvo, o peso da flecha, a velocidade do vento, a força do arco, etc. Se ele conseguisse ter exatamente todos esses números, poderia calcular a trajetória e, sem erro, atingir o alvo.

Maquiavel dizia que deveríamos pensar na política, na ciência de controlar o comportamento dos homens, de modo semelhante. Porém, ele também dizia que o cálculo da política tinha que ser diferente, por um

motivo muito simples: na política, o alvo não é um objeto morto, inerte. O alvo pensa, calcula, ele também atira em você.

A ciência do físico é diferente da ciência do político. O físico pega uma pedra e calcula exatamente como ela vai cair no chão. Esse conhecimento que ele produz, contudo, não afeta o comportamento da pedra. A pedra seguirá seu caminho, com ou sem o enunciado das leis da física.

Na ciência do comportamento humano é diferente: o conhecimento que o cientista produz sobre o comportamento e sobre as suas conseqüências afeta as atitudes do “objeto”, isto é, dos homens. Os homens tomam em suas mãos e na sua cabeça esse conhecimento e, assim, podem contrariar a “previsão” sobre seu comportamento. Podem mudar suas reações e, portanto, mudar o futuro.

O exato conhecimento do passado e do presente, mesmo se fosse possível, não seria suficiente para determinar exatamente o futuro - pelo contrário, funcionaria como instrumento para alterá-lo, para criar alguma coisa que não estava “previsto”.

Desistir do conhecimento especializado? Desistir da previsão? Não. O que temos que fazer, em primeiro lugar, é aprender a utilizar o conhecimento especializado, dos profissionais da ciência social - os economistas, os psicólogos, os sociólogos, etc. E, principalmente, levar em conta que nossa análise de conjuntura não é apenas o nosso modo de ver o mundo,

mas um modo de ver o mundo para transformá-lo, não para justificá-lo, para se conformar com ele.

Em segundo lugar, é preciso reconhecer que nossa análise de conjuntura tem que ser uma obra de arte coletiva. Um sindicato não pode ter uma análise de conjuntura “encomendada” de especialistas, nem uma análise feita pela sua direção, no isolamento de uma sala com computadores.

A nossa análise precisa ser alimentada e processada por centenas, milhares de companheiros - que sabem coletar a informação relevante, lá onde estão, que sabem refletir sobre ela e comunicá-la aos demais. Por que isso é preciso?

Primeiro, pela quantidade e qualidade dos dados a recolher - informação que não é feita apenas de números frios e distantes, mas da “temperatura” de nosso meio, informação sobre o ânimo da nossa tropa, seus sentimentos, inclinações, preferências. A gente não encontra esse tipo de informação consultando censos, jornais, Internet.

Segundo, porque a informação que recolhemos, elaboramos e transmitimos é imediatamente absorvida por outros companheiros, contribuindo para que eles também alterem seu modo de ver, seu ânimo, sua compreensão. E o mesmo ocorre do nosso lado.

Por que um sindicato faz um número enorme de reuniões de avaliação, empresa por empresa, escola

por escola, bairro por bairro, cidade por cidade, até chegar a uma decisão sobre o tipo de movimento que vai iniciar? Para conhecer a situação da categoria e também para estimular a categoria a se conhecer, a conhecer o seu momento, a se reconhecer.

Nesse processo de mobilização e reuniões, produz-se um conhecimento novo, um conhecimento que é um fator de mudança, de transformação.

Por isso, uma entidade nacional, por exemplo, precisa construir canais horizontais de interação, de troca de informação e opinião. Canais horizontais - não apenas canal de comunicação entre “base” e “direção”, mas de comunicação e fermentação entre “as bases”. Isso contribui para produzir análises melhores, não apenas da direção, mas das bases, do conjunto da categoria.

Por isso nós dizemos que a nossa análise de conjuntura precisa ser uma obra de arte coletiva e voltada para a transformação da realidade.

OS AUTORES:

. **CLAUDIA SANTIAGO** é jornalista, pós-graduada em Brasil-pós 30, coordenadora do NPC e estudante de História.

. **REGINALDO CARMELLO DE MORAES** é filósofo, professor titular do Departamento de Ciência Política da Unicamp e professor do programa de pós-graduação em Relações Internacionais da Unicamp/Unesp/PUC-SP.

Sumário

1	Apresentação	Página 5
2	Introdução	Página 9
3	O que é conjuntura	Página 11
4	O que é análise de conjuntura	Página 14
5	Para que fazer análise de conjuntura	Página 21
6	Quem faz análise de conjuntura	Página 27
7	Elementos-chave da análise de conjuntura:	Página 32
	a) Dados do quadro econômico	
	b) Dados do quadro político	
	c) Fatores ideológicos e culturais	
	d) Antecedentes históricos	
	e) Quadro internacional e seus reflexos locais	
	f) Sintetizar as informações	
	g) Quadro nacional: econômico-político-social	
	h) Informações específicas sobre o tema em foco	
	i) Uma pesquisa ampla, vital e permanente	
	j) O exemplo do Inquérito Operário de Marx, em 1878.	
8	Interpretação e qualidade das informações	Página 46
	1 - Fontes seguras	
	2 - Internet e casa da Maria Joana	
	3 - Toda mídia tem seu lado	
9	Atores e planejamento da ação	Página 54
	1 - Os atores sociais influenciam a conjuntura	
	2 - Atores e atrizes são elementos da conjuntura	
	3 - Uma lição que vem de longe	
10	Analisar para transformar	Página 58
	1 - Um exemplo de análise acertada	
	2 - Mudar a correlação de forças	
11	Bibliografia básica	Página 62

Introdução

**Para compreender uma determinada realidade social,
devemos procurar a raiz dos fenômenos.**

Esta idéia, simples e ao mesmo tempo complexa, vale para todo mundo,
mas, sobretudo, para aqueles que
querem transformar a sociedade em que vivem e atuam.

Quem quer mudar uma situação dada, especificamente uma situação social,
precisa, primeiro, conhecer a fundo aquilo que quer mudar e, logo em seguida, ter a
noção clara do que se quer colocar no lugar do antigo.

**Para os atores sociais, é indispensável um profundo conhecimento
da sociedade. E como é que se adquire tal conhecimento?
Os trabalhadores da Educação conhecem bem a resposta:
com muita informação, muito estudo e uma análise séria
de tudo o que se vê e se ouve.**

Para compreender e agir sobre a conjuntura, precisamos das mais completas e seguras
informações sobre a situação econômica, política, militar, religiosa,
cultural e ideológica do período que queremos conhecer.

Precisamos conhecer os antecedentes históricos do quadro esboçado.
E, além disso, saber a história de organização e luta coletivas e quais as marcas
que estas componentes deixaram nos atores de hoje.

Estas informações serão os pilares da nossa análise de conjuntura.
Elas nos permitirão desvendar e compreender quais as forças em jogo
e a quais regras estas estão submetidas.

**Finalmente, precisamos entender quais as influências
históricas, políticas, ideológicas determinantes
e como elas se relacionam e atuam
em um dado quadro político e social.**

**Com esta análise, será mais fácil tentar acertar os rumos
de uma ação, de um plano organizativo, de uma luta.
A ação proposta será mais eficaz e o sonho de mudar o mundo,
ou pelo menos aspectos dele, poderá se concretizar.**

Capítulo 1

O que é conjuntura

Em cada reunião, discurso, palestra, seminário, encontro num sindicato ou num movimento social, sempre se ouve a palavra conjuntura. É conjuntura para cá, conjuntura para lá.

De uma forma ou de outra, o termo está presente em discursos de agentes sociais, ativistas, comentaristas.... É comum encontrarmos na fala de dirigentes sindicais frases na quais a palavra conjuntura é sempre central, como:

- A conjuntura está nos atropelando.
- A conjuntura está nos desafiando.
- A conjuntura nos é adversa.

- Esta é a conjuntura mais difícil dos últimos anos.
- Temos de enfrentar a conjuntura.
- Precisamos analisar muito bem a evolução da conjuntura.

Estas frases não são exercício de retórica. Elas não são da boca para fora: elas refletem uma necessidade interna, real, profunda. Elas expressam a necessidade de analisar o conjunto dos fatores que estão presentes nas condições da ação e, sobretudo, nas possibilidades de êxito ou não.

Mas... o que é mesmo esta tal de conjuntura?

Entender o seu significado não é um exercício de linguagem ou de interpretação de texto.

É uma necessidade política para quem quer transformar a sociedade na qual vive e atua.

Sem entender para onde caminha a sociedade, sem saber quais as forças que estão em jogo naquele exato momento, não se constrói um plano de ação. Ou melhor, até se constrói, mas seu êxito será tão incerto quanto jogar na loteria. Será uma ação às escuras. Um pouco como no jogo de crianças que brincam de cabra cega.

Podemos definir a palavra conjuntura como a combinação de forças distintas sobre uma dada realidade. É um conjunto de elementos que atuam no resultado final de uma ação.

A palavra conjuntura indica a relação que cada força, cada componente do quadro geral mantém entre si e com o quadro onde atua. A conjuntura está intimamente ligada ao ambiente histórico, sempre em movimento, no qual acontece determinada ação.

Quem dá aula de História sempre se depara com situações onde precisa recorrer à clássica frase: "Precisamos ver este fato na conjuntura histórica daquele momento". Isto, seja se referindo a usos e costumes de povos que agiam ou agem de acordo com padrões estabelecidos por séculos de tradições e experiências particulares ou a comportamentos pontuais em determinado momento.

Pegemos um exemplo clássico que exige muita ginástica mental de todo professor de História. Como

responder a questões sobre a Inquisição praticada pela Igreja Católica, na Idade Média, e bem depois? Ou, como explicar que as mulheres inglesas, as chamadas *suffragettes*, tiveram que colocar várias bombas nas casas de deputados do Parlamento do seu país para convencê-los a votar a favor do voto feminino, ou seja, para conseguir o direito de voto? Como explicar que em alguns cantões da Suíça o voto feminino tenha sido implantado somente em 1971?

Somente com uma análise dos antecedentes históricos de cada um dos fatos acima é possível compreender estes e mil outros comportamentos da humanidade ou de determinadas pessoas.

1 - A CONJUNTURA NÃO É UMA PAISAGEM

A conjuntura não pode ser comparada a uma paisagem para ser vista de longe, para ser contemplada e admirada.

A conjuntura é como um rio tempestuoso, como uma cachoeira agitada numa paisagem que ameaça chuvas e trovoadas. Às vezes, num determinado momento, pode ser comparada a um ambiente tranquilo que tem até um pacífico arco-íris.

De toda maneira, conjuntura é movimento. É ação. É a combinação e a interação de várias forças que agem sobre o mesmo fato. É, ao mesmo tempo, a atuação de pessoas que vêm de modo diferente os mesmos fatos e que agem sobre estes, modificando-os.

Em se tratando de ação política, a idéia sempre associada ao conceito de conjuntura é a ação de um conjunto de forças que agem e interagem, no tempo e no espaço, e influenciam e às vezes determinam os fatos que irão acontecer.

Esse entrelaçamento de forças costuma ser chamado de “correlação de forças”. Ou seja, o peso e a influência que cada componente da realidade exerce sobre o fato em análise.

Esta expressão, a “correlação de forças”, dá a idéia de uma disputa entre os vários componentes da realidade.

É por isso que um sindicato, um movimento, um partido precisa analisar os vários elementos da conjuntura e também estudar o jogo destes componentes, destas “forças”.

Uma destas forças determinantes que influem na conjuntura são os atores sociais, que não são estátuas e nem plantas: são gente, com suas experiências, antigas

e recentes. Com seus sonhos e frustrações, que não dá para pesar numa balança de supermercado, mas são reais e atuantes sobre o resultado final de uma ação.

À pergunta “o que é conjuntura?”, podemos responder, resumidamente, que é a atuação de todas as forças distintas, em determinado momento, sobre uma realidade determinada.

Capítulo 2

O que é análise de conjuntura

Qualquer sindicalista ou ativista de movimentos sociais precisa saber quais forças jogam no xadrez social e político em que ele atua.

É preciso saber disso, porque ele precisa vencer barreiras. Precisa saber quem são seus amigos e quem são seus inimigos. Quem são seus adversários e seus aliados. Quais pedras podem ser movidas, quais jogadas podem ser feitas. Isto não pelo gosto de uma fofoca inconseqüente ou por legítima curiosidade intelectual. Ao contrário, é para saber para onde ir, com quem ir e o

que encontrará pela frente.

Um sindicato de trabalhadores da Educação, ao iniciar uma disputa salarial com a administração pública, precisa levar em conta todos os componentes da conjuntura. Para saber se é possível ganhar a queda de braço com a Secretaria Estadual de Educação, por exemplo, é necessário saber quem é quem no poder e quais interesses representa. Afinal, com quais forças o Sindicato dos Profissionais da Educação daquele estado pode contar e com quais forças terá de se confrontar.

A luta sindical, seja ela puramente reivindicativa ou política, assemelha-se a uma guerra. Uma guerra onde se confrontam interesses contrários. O mesmo vale para o conjunto das lutas sociais.

Todo movimento – dos sem-terra, dos sem-teto, o movimento popular, o estudantil e toda atividade partidária – precisa ter noção exata do que está em disputa em cada reivindicação, em cada campanha.

Embora não apareça à primeira vista, a luta social é uma guerra com interesses contrários e exércitos contrapostos.

Os educadores sabem que a contradição entre os que mandam na Educação (seja na administração pública, seja no sistema privado) e os vários profissionais do ensino, nas suas várias funções, não se dá somente sobre a remuneração. Existem outras necessidades para se concretizar a ação educativa que são vistas de maneiras completamente diferente pelos trabalhadores ou pelos administradores da máquina administrativa. Sobretudo, há uma série de aspectos políticos mais gerais que são vistos de maneira completamente divergentes por estas duas partes. O tipo de ensino deve ser voltado para a cidadania ou para o mercado? Os valores centrais no nosso ensino devem ser o sucesso individualista ou a visão baseada na solidariedade? A Educação deve preocupar-se com a formação integral de homens e mulheres ou deve limitar-se a aspectos parciais da formação? Questões como estas dividem pessoas, grupos, classes.

Essas simples perguntas já colocam as pessoas em lados diferentes da vida, conseqüentemente, da prática social.

Como essas, há muitas divergências entre os trabalhadores da Educação e os administradores ou patrões das estruturas de ensino. É evidente que a guerra está sempre às portas da atuação da nossa classe.

E aí, como vencer esta guerra? Como enfrentar cada batalha? Há livros clássicos sobre “A Arte da Guer-

ra”, no geral, ou sobre determinadas guerras específicas que aconteceram mais de 2.000 anos atrás. Em todos esses livros, a guerra é mostrada como uma arte que precisa levar em conta muitos componentes.

Uma coisa era uma guerra nos tempos do arco-e-flecha, outra, totalmente diferente, é a de hoje, com todo o arsenal de armas disponíveis para a destruição em massa dos inimigos. E mais, na guerra, de ontem e de hoje, há muitos outros componentes além das armas a serem levados em conta, por exemplo, quais as fontes de abastecimento dos exércitos? Quais as bases logísticas? E mais: nos dias de hoje, qual a influência que a propaganda mundial tem sobre o ânimo das tropas?

Pois é, a análise de conjuntura é a aplicação da arte da guerra. Uma guerra que tem que levar em conta a realidade puramente militar e, ao mesmo tempo, a situação social e política geral. Sem uma exata análise da conjuntura, é como entrar numa briga com os olhos vendados, enquanto o inimigo está vendo perfeitamente onde golpear.

Mas, não é só o ativista que quer transformar a sociedade que necessita de uma análise séria das forças em jogo e do jogo das forças. Qualquer atividade humana, para ter sucesso, necessita que seus autores façam uma correta análise de conjuntura. Uma nova linha de ônibus, um novo ponto comercial, a nova cor de um carro que uma montadora planeja, o sistema de bloqueio das portas de um prédio ou de um elevador, tudo enfim é resultado de uma séria análise de conjuntura.

1 - QUALQUER AÇÃO PRESSUPÕE UMA ANÁLISE DA SITUAÇÃO

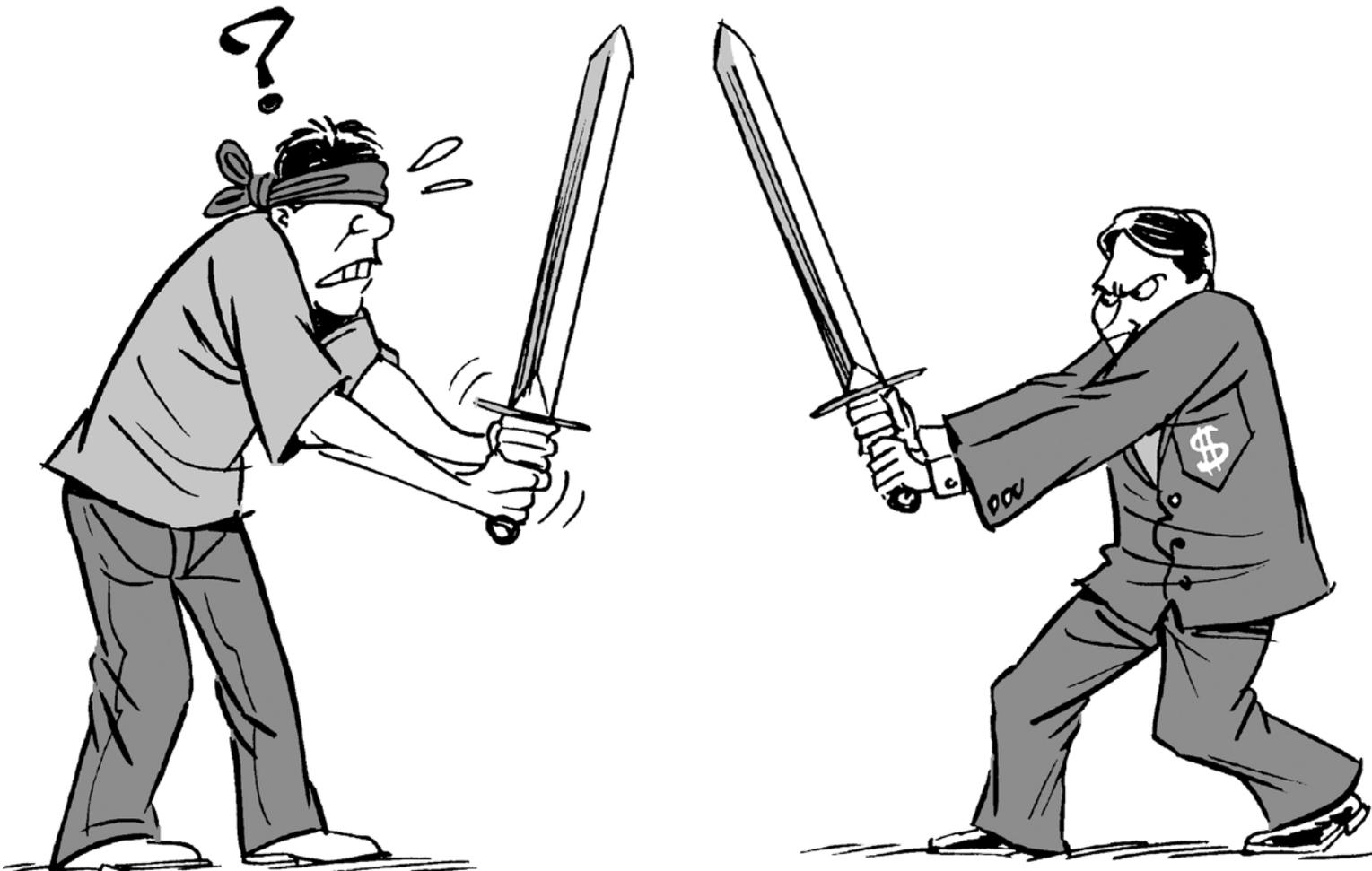
Na sociedade atual, poucas coisas são feitas sem planejamento, sem uma perspectiva estratégica. Uma simples marca de cosméticos, um novo tipo de sabonete, leva meses de análises, estudos, testes e todo tipo de pesquisas.

As empresas de um certo porte lançam sempre algum “protótipo” para testar o mercado – uma “edição limitada” de suco de fruta, uma “versão beta” de um programa de computador. Isso faz parte do planejamento, da estratégia, da análise das possibilidades.

Afinal, a empresa vai querer saber se, “na atual conjuntura”, o mercado comporta mais um tipo de sabonete ou de um novo programa de computador. Há modelos de pesquisa baseados na seleção de “amostras” de consumidores, para saber como eles reagem diante de determinados produtos e de determinadas estratégias de marketing. E quanto mais séria for a empresa, vai querer saber muito mais. Quais as novas fragrâncias, quais os tamanhos, etc.

Cada vez com maior frequência, grandes empresas internacionais contratam cientistas brasileiros – sociólogos, economistas, especialistas em marketing e em comunicação – para saber quais as melhores condições para seus investimentos aqui no país. Os capitalistas sabem muito bem da importância de uma “análise de conjuntura” acertada para o sucesso dos seus negócios.

Entender para onde sopram os ventos políticos, econômicos e sociais ou comportamentais de um determinado momento é essencial para saber como navegar e, sobretudo, como mudar os ventos a seu favor.



Analisar uma conjuntura não é fazer uma previsão do futuro absolutamente exata e infalível. Na física, podemos calcular a velocidade de queda de uma pedra. Na química, podemos prever o resultado que teremos se juntarmos determinadas substâncias em determinada proporção. Na biologia, podemos saber como evoluem os organismos. Dos estudos sobre o DNA à evolução das células-tronco, tudo pode ser previsto cada vez com maior precisão.

2 - ANÁLISE DE CONJUNTURA NÃO É UM CÁLCULO MATEMÁTICO

A análise da conjuntura não é um jogo de adivinhação. Ela não nos permite fazer uma previsão, como se fosse um cálculo matemático

exato e preciso, porque a conjuntura está em constante mudança. Nela, atuam forças que não existem nem na física, nem na química e nem na biologia: a consciência, os sonhos e a decisão das pessoas e do inteiro sistema econômico e político do país.

A pedra não faz “previsão de conjuntura” e não muda seu comportamento a partir disso. A lei da gravidade não muda de acordo com a consciência ou a experiência histórica que as pedras teriam dela. O homem, no caso, o físico, elabora a ciência da pedra, faz a previsão do comportamento da pedra. A pedra não “usa” essa ciência para compreender a si mesma. Antes e depois do conhecimento, ela continua a mesma pedra. O homem, não: o conhecimento que ele produz sobre si mesmo e sobre o mundo transforma a ele próprio e ao mundo.

Os seres humanos têm consciência da concatenação da realidade e do peso de cada coisa.

Eles podem mudar o futuro que haviam previsto.

O conhecimento transforma o homem de objeto de análise em sujeito, em ator e autor de determinada ação.

E essa ação, ao se desenrolar, entra na composição e configuração da nova conjuntura que está em constante movimento.

No caso de uma pedra, a ação é externa. Não altera sua consciência, nem o seu comportamento. Ela vai continuar caindo como antes, seja em tempo de paz, seja em tempo de guerra.

Nos humanos, a coisa é totalmente diferente. Peguemos o caso dos trabalhadores da Educação. O conhecimento adquirido e elaborado por estes atores pode alterar o seu comportamento. Pode influir nos acontecimentos e mudar o seu futuro. Pode mudar as forças que estão em jogo na conjuntura.

No caso de uma luta de professores por aumento e melhores condições para ensinar, o nível de informação sobre a situação salarial e as condições em outros países pode determinar um tipo de ação ao invés de outra.

No meio de uma campanha salarial, o fato de saber que os trabalhadores da Educação de tal estado conseguiram um aumento real de 25%, muda o quadro totalmente.

Ter esta informação, por exemplo, inverte o quadro de desmobilização que predisponha à conciliação entre as forças. Muda os argumentos, seja dos que exigiam determinado aumento, a qualquer custo, seja dos que estavam dispostos a conciliar com quem se negava a concedê-lo.

A informação dada pelo presidente de um instituto de pesquisa oficial, no final de 2007, de que o Brasil tem de seis a oito vezes menos funcionários públicos do que qualquer país mais desenvolvido pode ser uma bomba a estourar numa assembléia sindical.

Ela influirá tremendamente na determinação das forças da conjuntura. Muda completamente o quadro anterior, onde o poder executivo repetia à exaustão que o serviço público de tal estado ou município estava inchado e por isso precisava fazer uns cortes.

Uma coisa é entrar numa campanha salarial com o conjunto da população repetindo o que a televisão fala, achando que há educadores de sobra nas escolas. Outra, bem diferente, é entrar na mesma campanha após o sindicato ter espalhado aos quatro ventos a informação do presidente do instituto de pesquisa.

A reação de pais de alunos e do conjunto da população a uma passeata que bloqueie o trânsito será bem diferente se ela tiver sido informada pelo sindicato. Esta variante pode determinar uma mudança substancial no desenrolar de uma luta e no seu desfecho final.

Por isso, fazer análise de conjuntura não é fazer previsão do desenrolar dos acontecimentos e dos seus possíveis resultados, com exatidão matemática. É conhecer a realidade e as forças que agem sobre ela para melhor definir os passos que serão dados em uma direção, com um determinado objetivo.

Esta análise dá pistas, orienta escolhas, orienta a ação. Sem garantias, mas baseando-se em dados e fatos comprovados.

“A análise de conjuntura é uma mistura de conhecimento e descoberta, é uma leitura especial da realidade e que se faz sempre em função de alguma necessidade ou interesse. Nesse sentido, não há análise de conjuntura neutra, desinteressada: ela pode ser objetiva, mas estará sempre relacionada a uma determinada visão do sentido e do rumo dos acontecimentos”, afirma Hebert de Souza, Betinho, no livro Como fazer análise de conjuntura.

No caso de qualquer discussão entre um sindicato de trabalhadores e o poder público, as análises e os posicionamentos dependem da posição de cada uma das partes.

Hoje, no clima neoliberal dominante, a tendência de cada governo é falar da necessidade de reduzir a máquina para reduzir custos. A atitude ideológica dos trabalhadores, por outro lado, será de mostrar a insuficiência de funcionários, a necessidade de melhorar a qualificação através da formação permanente para poder melhorar os serviços ao público. Por isso, conhecer dados nacionais e internacionais é importante na hora da argumentação e da decisão da ação.

3 - O PLANO DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO E A CONJUNTURA

Vamos introduzir aqui um exemplo que retomaremos ao longo deste caderno devido à sua atualidade e abrangência.

No ano de 2007, o governo federal apresentou à sociedade o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE). Isto é um fato. Como qualquer fato, está inserido em uma determinada conjuntura. Ou seja: sobre ele atuam muitas forças distintas.

Uma força é o próprio governo, que, com o Plano, pretende atingir determinados objetivos e atender a interesses específicos. Que interesses?

Como qualquer projeto, o conteúdo do PDE, em si, já é fruto de pressões de diversos grupos sobre o governo. Grupos nacionais e grupos internacionais. O Plano foi construído dentro de uma determinada visão política. Ele é filho de uma dada época. Qual a relação entre as orientações dadas pelo antigo, e sempre atual, Consenso de Washington e o PDE?

Ele vai no sentido da privatização do ensino ou da universalização de um direito esquecido? Quais os interesses dos grandes grupos empresariais, seja da Educação seja dos vários ramos do capital, do financeiro ao produtivo-industrial? Como esses interesses agem? E não apenas no Executivo, aquilo que chamamos em geral de “governo”, mas também no Legislativo, no Congresso, que pode interferir pesadamente nesses planos. E não é só o Legislativo que influi no destino de uma luta dos trabalhadores, o Judiciário também entra no jogo. Como a disputa de interesses das diferentes classes da sociedade se entrelaça com o Judiciário, que muitas vezes é pressionado por diferentes grupos, para retardar ou sabotar os planos de uma categoria em luta?

Então, para se analisar o PDE é preciso que se conheçam quais as forças que estão em disputa no campo da Educação. Mas não só.

Uma análise séria e consistente pressupõe que se conheçam as características do modelo político-econômico vigente no Brasil e do modelo hegemônico mundialmente. É necessário conhecer qual o grau de interdependência entre ambos. É preciso que se responda,

inicialmente, que modelo brasileiro de desenvolvimento, de política social, de proteção social e de cidadania está sendo perseguido e como a educação se insere neste modelo.

Para além, é necessário que se pense sobre o grau de autonomia do Estado brasileiro para desenvolver uma política de educação independente frente à globalização da economia.

Ora, o PDE brasileiro, ou qualquer outro plano, está livre das amarras dos organismos internacionais - como FMI, Banco Mundial, OCDE - ou ele contém elementos ditados por estas organizações? Todas estas são questões que compõem uma determinada conjuntura.

O PDE, como qualquer outro plano, precisa ser visto à luz desta conjuntura. Não pode ser analisado fora do tempo e do espaço e da pressão que os seus vários atores exercem sobre ele.



Podemos afirmar que sobre ele, além das forças citadas, atuam os interesses dos grupos privados e dos movimentos sociais. Obviamente, os profissionais de Educação com seus interesses específicos, como categoria e como classe, entram neste jogo que modifica a situação, isto é, a conjuntura. A edição e a imple-

mentação ou não deste Plano precisa ser relacionada com a situação da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e das outras centrais sindicais, hoje legalizadas e legitimadas. E qual o peso, na concretização ou não do PDE, da confederação diretamente ligada à Educação, a CNTE?

Analisar uma conjuntura é, então, descortinar uma janela e reconhecer, através dela, quais os personagens que estão encenando uma determinada história.

Qual a força real desses atores sociais?

Quais as classes e quais seus interesses?

Quais os objetivos que os mobilizam?

Quais os interesses históricos e imediatos que estão em jogo, quais as regras do jogo e qual é a atuação de cada classe sobre o tabuleiro da vida?

Capítulo 3

Para que fazer análise de conjuntura?

Analisar constantemente a conjuntura é a tarefa número um dos agentes sociais que se propõem a agir sobre a realidade buscando a sua alteração. É a velha máxima: *conhecer para mudar*.

É necessário conhecer onde estamos e para onde queremos ir, para, quem sabe, chegar à meta.

Há um filme político de 1969, *Queimada*, de Gillo Pontecorvo, o mesmo autor de *A Batalha de Argel*, que ilustra

a necessidade de se conhecer a realidade para poder agir. *Queimada* retrata a luta de libertação do povo nativo de uma ilha imaginária do Caribe, com o mesmo nome do filme. Os rebeldes, a um certo ponto, se encontram encurralados e prestes a serem exterminados pelas forças opressoras do império colonial inglês.

O líder da revolta, José Dolores, solicitado para indicar o que fazer, dá sua resposta lapidar:

- 1 - Todo mundo faz análise de conjuntura
- 2 - Da análise empírica à análise profissionalizada
- 3 - Um sindicato precisa analisar a conjuntura para vencer a luta

“É melhor estar numa floresta sabendo onde queremos chegar, mesmo sem saber como, do que saber como, sem saber aonde queremos chegar”.

É uma bela aula sobre a necessidade de conhecer a realidade. Primeiro, o ponto de partida. E, logo em seguida, a meta da chegada.

Na ação política, este conhecimento é fundamental. É absurdo, na vida política ou sindical, que se tomem decisões sem que sejam identificados todos os componentes, dos atores aos interesses que estão em jogo. E aqui, quando falamos em política, não estamos nos referindo apenas às grandes questões. Política não se esgota nas reformas constitucionais, ou eleições, reforma agrária, negócios internacionais, guerras ou rompimentos diplomáticos.

A política é tudo isto, mas é também, em escala menor, cada assembléia, cada campanha de um sindicato. Tal sindicato da Educação, por exemplo, quer

aumentar as possibilidades de qualificação profissional dos seus associados. Para alcançar este objetivo é preciso ter clareza de tudo o que envolve esta decisão. Esta, como todas as outras, é uma decisão política e é preciso saber analisar as condições para ver se, através de muita luta, será possível que esta decisão seja tomada e aplicada.

1 - TODO MUNDO FAZ ANÁLISE DE CONJUNTURA

A análise da conjuntura é necessária sempre. Qualquer ação, individual ou coletiva, exige que seja pensada e programada. Isto serve para a ação revolucionária, para uma empreitada comercial, para um projeto industrial.

Um camelô, um empresário, um artista, um pastor ou um ativista social, todos precisam analisar as tendências do momento, os ventos que sopram. Para cada caso da ação humana há uma série de componentes a serem levados em conta. Embora esta análise seja particularmente necessária para a ação sindical ou de movimentos sociais, ela precisa ser feita em cada situação da vida, da mais simples à mais complexa.

As pessoas, sem saber, fazem uma análise da conjuntura em muitas situações, das mais simples às mais complexas. Imagine um trabalhador, um cobrador de ônibus, por exemplo, que quer sair do aluguel e pensa em comprar sua casinha. Sem saber e sem querer, acaba fazendo uma análise de conjuntura.

Tem que levar em conta seu emprego e ver se dá para ele segurar uma prestação de tantos reais. E se perder o emprego? E se a empresa falir? E se a função de cobrador for extinta e substituída por catraca eletrônica, como o prefeito já anunciou? E se sua mulher for mandada embora do supermercado que está sendo engolido pela Wall Mart? E se a irmã que mora junto

com eles não receber mais camisas vindas da China para vender como camelô? E se mudar a política do Brasil com relação aos produtos chineses? E o câmbio? E se os livros do filho na escola ficarem muito caros?

Essas e mais cem questões passam pela cabeça de qualquer trabalhador que sonhe em comprar sua casinha, seu barraco ou seu apartamento.

Sem saber, para tomar decisão de comprar uma casinha e, assim, acabar com o pagamento do aluguel, ele está fazendo uma análise de conjuntura, uma análise em que vai usar todas as informações que conseguiu reunir, através dos meios que ele teve: rádio, televisão e conversa com colegas de trabalho. Vai precisar juntar tudo, analisar, pesar, conversar com parentes e amigos e, ao final, tomar a decisão.

Este é um caso de análise de conjuntura, diríamos, artesanal. Feita na prática do dia-a-dia. Mas, há mil outras situações, das mais simples às mais complexas, onde cada pessoa recorre à análise da conjuntura, de forma parecida.

2 - DA ANÁLISE EMPÍRICA À ANÁLISE PROFISSIONALIZADA

Tomemos o caso mais complexo de um diretor comercial de uma empresa de confecções. A discussão, neste caso, é como a empresa vai sair da crise. A discussão se arrasta há anos. A empresa já foi florescente. Era líder no mercado. Mandava seus produtos para vários estados e até para algum país da América Latina. A partir de 1990, com a febre dos importados, provocada pela política do governo da época, aquele Collor de Mello que foi posto para correr, a empresa começou a patinar. Passou de 2.000 funcionários para os atuais 150 e, agora, está se falando de novo corte.

O que nosso diretor comercial vai propor na reunião da diretoria da próxima semana? Vão estar lá todos os diretores, é uma reunião decisiva. Este é o dilema: o que fazer? Para onde vamos? Qual a decisão a ser tomada frente a essa situação? Ou seja, o que fazer “na atual conjuntura”?

Mas, qual é essa conjuntura? Qual a política industrial do país? Qual a política de incentivos ao setor industrial que o governo federal está planejando? Qual a posição do governador do Estado que, todo mundo lembra, prometeu isso e aquilo para o setor industrial antes da sua eleição?

E na de macroeconomia, o País vai realmente chegar a crescer os 7% ao ano que estão sendo trombeteados? E a política fiscal vai continuar como está ou vai ter uma reforma global? E o dólar? E a recessão nos Estados Unidos, vai atingir o Brasil? Como? Em qual medida? E a China, sim, a China, como vai? Vão continuar a chegar suas exportações a um preço que mata qualquer empresa do mundo? E o Plano de Aceleração da Economia (PAC) proposto pelo governo federal? Ele poderá ser implementado mesmo frente à recessão mundial e às escaramuças da oposição?

Estas e mais dezenas de questões precisam ser analisadas antes de tomar essa ou aquela decisão.

O que nosso diretor precisa fazer para se preparar para a próxima reunião de diretoria? Exatamente: uma boa análise de conjuntura. Sem isso, vai falar abobrinhas. O grave é que não é só falar abobrinhas. É que a empresa vai dar com os burros n'água. Vai falir. Vai fechar. E aí, adeus lucros! E os 7% de crescimento que o ministro do Planejamento prometeu, onde é que ficam?



Mas não é só ele, individualmente, que precisa analisar a conjuntura. Toda a diretoria precisa usar esta ferramenta essencial para tomar qualquer decisão. É provável que o diretor-presidente da empresa tenha contratado uma empresa de consultoria para, no começo da reunião da próxima semana, iniciar com uma análise das tendências econômicas nacionais e internacionais. O que são estas tendências? São exatamente aspectos da conjuntura. Peças do quebra-cabeça da tal “análise de conjuntura”.

É aqui que uma grande empresa chama uma consultoria externa, chama *experts* nacionais e internacionais. Sabemos que, para uma empresa, cada centavo é regateado, é pesado e entra na composição final dos preços e dos lucros. E como se explica que ela gaste milhões com assessorias e consultorias? Exatamente pelo fato de que qualquer grande empresa sabe que, sem uma análise correta da conjuntura, os lucros finais despençam.

3 - UM SINDICATO PRECISA ANALISAR A CONJUNTURA PARA VENCER A LUTA

Tomemos agora o caso de um sindicato de trabalhadores da Educação. Aqui não se trata de ver como produzir para ter mais lucros. Trata-se de tomar medidas para ampliar sua penetração na base. Ou seja, aumentar a participação da categoria nas lutas que o sindicato organiza.

Como este sindicato pode criar raízes em cada escola, em cada unidade de ensino? Como pode aprofundar a formação política de seus membros e levá-los a um maior compromisso com o coletivo, com a categoria?

Analisar a influência de fatos novos

Era uma vez um determinado sindicato em que houve um fato novo muito importante no ano de 2007. Na campanha salarial, que teve como ápice uma greve vitoriosa, os trabalhadores conquistaram o direito de eleger representantes de escola em cada unidade. Foi uma luta dura, que conseguiu um aumentozinho mixuruca, mas garantiu a eleição do representante de escola. Na avaliação final da greve, a direção do sindicato deu muita importância a essa conquista e afirmou que ela mudaria toda a vida do sindicato.

Agora, chegou a hora de concretizar esta conquista. Daqui a três meses haverá eleição. O problema é que pouca gente se dispôs a se candidatar. Há muito pouco interesse para esta eleição. E aí? O que vamos fazer? Hoje, mesmo após aquela greve que conquistou 3,7% de aumento acima da inflação, o pessoal está desmotivado. A militância está desanimada. Poderíamos dizer a clássica frase: “Ninguém quer nada!”. Sim, mas e daí? A eleição do representante de escola está aí. Vamos desistir?

A eleição de representantes de escola não é um fato isolado. Sofre influências da política de Educação do município ou do estado, da relação dos governantes com a Educação. Ela pode mexer no nível de luta da categoria e também em velhos equilíbrios clientelistas aos quais determinados membros da administração estavam acostumados.

Mais ainda, esta eleição pode ser um marco na resistência ao projeto neoliberal ou pode ser uma ação menor, sem nenhuma consequência na mudança dos rumos de toda a categoria dos professores.

Tudo isso, politicamente, é correto. Teoricamente, está certíssimo. Mas o fato trágico, e tremendamente concreto, é que este determinado sindicato, agora, não encontra gente disposta a se candidatar à função política de Representante de Escola. E daí? O que fazer? Por onde começar a desenrolar este novelo?

Estamos frente a um caso típico onde os atores sociais, no caso a diretoria do sindicato, precisam analisar todos os componentes políticos, econômicos, históricos, para depois decidir o rumo a seguir. Ou seja, de novo, precisam analisar a conjuntura. Mil elementos precisam ser levados em conta.

Entre eles, há um que muitas vezes é esquecido nas análises clássicas. Este é o que é veiculado em toda a mídia empresarial e, especificamente, o que a televisão mostra em suas novelas. Estas atingem milhões e milhões e possuem um tremendo poder de influenciar corações e mentes. A ação da mídia é um componente essencial da análise do momento, das idéias e humores das massas. Ela, ao mesmo tempo, reflete e cria comportamentos e valores.

Só lembrando uma das tantas novelas recentes. No ano de 2007, a *Rede Globo* exibiu uma novela que tinha como uma de suas personagens uma professora, interpretada pela atriz Gabriela Duarte, que tomava para si a tarefa de cuidar da escola, de transformar, através de sistema de mutirão, uma escola pública que estava destruída. Poderia haver ali uma mensagem subliminar que indicaria aos professores a idéia de agir com as próprias forças para mudar a realidade escolar, ao invés de exigir do Estado que assuma a sua responsabilidade com a Educação Pública. A transmissão dessa novela faz parte da conjuntura do período. Ela é fruto da conjuntura e ao mesmo tempo a influencia grandemente por seu poder de sedução.

No caso dessa novela, analisar o poder da mídia sobre a conjuntura é ver até onde vai a idéia de participação ativa de um educador e onde entra a substituição do Estado, como quer o neoliberalismo.

O caso de uma campanha de valorização dos profissionais da educação

Imaginemos uma hipótese real, de um sindicato decidir fazer uma campanha de valorização dos trabalhadores do ramo da Educação. Uma campanha que abrange desde o aumento dos salários até a melhoria da qualidade do ensino. Desde as condições físicas das escolas a um programa de atualização dos profissionais do ensino. Como fazer isso sem conhecer a conjuntura do momento?

De novo exige-se uma análise econômica e política abrangente. Precisamos selecionar as informações úteis e procurar por elas. É importante conhecer qual a realidade dos trabalhadores da Educação em outros países deste mundo globalizado e marcado por políticas neoliberais, cada vez mais iguais em todos os países.

Os irmãos professores dos outros países latino-americanos, o que andam fazendo? Qual a situação deles? Quais as lutas que estão travando? Conhecer e analisar o mundo, neste caso, não é um deleite turístico. É importante para se atuar no seu próprio país. Mas há um passo anterior a ser dado. Para ter um quadro completo da situação dos trabalhadores da Educação e da possibilidade de melhorá-la, é preciso conhecer a realidade do ensino em cada estado brasileiro.

Ao se propor uma campanha como esta, exige-se conhecer a realidade presente e a história da Educação no Brasil, dos séculos passados até os dias de hoje. Os objetivos e as metas a serem definidas devem levar em consideração todas as forças envolvidas na Educação no País. Caso contrário, corre-se o risco de se subestimar ou de se superestimar as próprias forças.

Fazer análise da conjuntura é necessário porque é através dela que se conhece o cenário e as forças envolvidas com as quais um sindicato terá de se relacionar.

Conhecemos assim as forças que atuarão simultaneamente sobre os profissionais da educação e sobre a sociedade que se pretende atingir com a campanha. Com o estudo minucioso dos vários componentes, pode-se saber quem são os aliados e quem são os oponentes dessa luta. Quais são os interesses de cada grupo social. Quem ganha e quem perde com a valorização da Educação Pública. Com estas informações, podemos buscar as alianças certas. Podemos nos preparar melhor para resistir e responder à altura às investidas de quem não quer a valorização dos profissionais da Educação.

“Tudo vale a pena, se a alma não é pequena”

A luta sindical, tradicionalmente, é centrada na capacidade de ação direta dos trabalhadores nos seus locais de trabalho. Historicamente, greves e manifestações têm sido a marca registrada da ação sindical. Ainda está por ser elaborada uma pesquisa exaustiva sobre milhares e milhares de greves realizadas pelos trabalhadores do nosso País desde o nascimento das primeiras indústrias.

Especificamente, os trabalhadores da Educação, sobretudo a partir da explosão das greves, em 1978, ao final da ditadura, têm realizado inúmeras greves, passeatas, manifestações e atos públicos. Greves locais, greves quase nacionais, greves de curta duração e longas greves provocadas pela insensibilidade dos vários governos. Sem dúvida, esta é a marca registrada do sindicalismo combativo.

**Mas, além desta história,
desta memória gloriosa,
para uma boa análise de conjuntura
é preciso levar em conta todos os aspectos,
desde a herança histórica
ao jogo parlamentar.**

Nos vários parlamentos, estaduais ou federal, acabam por ser votadas decisões que determinarão enormemente os rumos das lutas dos trabalhadores.

Por isso, ao se fazer uma análise das forças em jogo em determinado momento, em “determinada conjuntura”, é preciso analisar, também, as forças dentro do Parlamento.

Analisar qual a composição de cada casa legislativa. Quais as classes que têm preponderância, naquele momento? Quais as formas de pressão que podem surtir efeito sobre determinado bloco, naquele momento determinado?

Quais os partidos que podem estar do lado daquela reivindicação da classe, naquela situação? Quais os partidos que historicamente têm se colocado de um lado ou de outro, com relação às reivindicações dos trabalhadores?

**De posse destas informações
e cruzando-as com muitas outras,
será possível planejar uma ação
com maior ou menor chance de êxito.**

Capítulo 4

Quem faz análise de conjuntura

Uma análise de conjuntura pressupõe, inicialmente, a identificação de alguns elementos-chave para o seu sucesso. Primeiramente precisamos definir se ela pode ser feita por qualquer pessoa ou se existem profissionais, ou

militantes políticos, especializados nesta tarefa. Como já dissemos anteriormente, todo mundo, de uma forma ou de outra, é obrigado pela vida a fazer análise da conjuntura, para saber como agir nas diferentes situações.

Ou seja, a análise de conjuntura não pode se restringir às análises dos grandes especialistas. Querendo ou não, cada um tem que se virar e avaliar como puder a situação que lhe está na frente. Cada um tem que fazer sua análise de conjuntura.

Vamos ver um exemplo do dia-a-dia. Um grupo de amigos de classe média planeja fazer uma viagem de férias. Marca um encontro para definir o local. Despreziosamente, tomando um *Ice Smirmoff* ou um suco de frutas, aquele grupo vai fazer uma análise da conjuntura econômica nacional e internacional para, simplesmente, decidir para onde vai. Vai analisar a economia do país. Se a moeda é fraca, planeja-se uma viagem doméstica. Se, caso contrário, é forte, pensa-se numa viagem internacional, que pode ficar mais barata.

Pode ser que se faça também uma análise da conjuntura política, embora seja difícil acreditar que alguém deixe de ir a Itália por causa de Berlusconi ou à França devido às aventuras sexuais de Sarkozy. Mas se o grupo de amigos é de esquerda, pode ser que opte por uma viagem a Cuba, a Chiapas ou à Venezuela. Vale a pena? A viagem pode ser uma forma de apoio concreto àquele país?

Se forem judeus, desejaram conhecer Telaviv. Então, ficou claro? Mesmo as escolhas mais triviais são marcadas por análises de conjuntura.

Peguemos, agora, um outro grupo de amigos da classe trabalhadora que ganha até dois salários mínimos. Eles também estão planejando as férias, mais informalmente. Quase todos trabalham na mesma empresa e esta vai dar férias coletivas em julho. Após o trabalho, de pé, num boteco ao lado da fábrica, beliscando uma pizza “à francesinha”, isto é, cortada em pequenos quadradinhos, e tomando umas cervejas de garrafa, o papo rola sobre o que fazer nessas férias. João convida quem estiver a fim a ajudá-lo a puxar a laje da sua casa. Vai ser legal, no almoço vai ter uma rabada que a mãe vai preparar e uma boa caipirinha.

Mas, e aí entra a conjuntura...

João não tem certeza se dá para fazer essa laje. Depende de uma porção de coisas... da conjuntura. A empresa diz que está mal das pernas e não sabe se vai pagar as férias coletivas antes ou depois. Além disso, o pai do João está em dúvida se vale a pena comprar agora a laje, ou se é melhor esperar para o fim do ano, quando dizem que a construção civil vai baixar os preços. Mais ainda, a irmã que iria contribuir com uma parte da despesa pode ser mandada embora do banco, que está automatizando tudo.

E então, o que fazer, tem ou não tem laje no sábado e domingo?

Depende... da conjuntura.

Por este raciocínio, então, poderíamos concluir que todos fazemos e podemos fazer análises de conjuntura. Mas será que é assim tão fácil? Não e não. Uma coisa é um planejamento, feito sobre uma análise, que vai afetar a vida individual ou de uma família ou de um pequeno grupo de pessoas. Outra é a definição de estratégias que influirão na vida de milhares de pessoas, como é o caso de um sindicato, por exemplo.

É importante, muito importante, que a cada reunião de diretoria haja espaço para uma análise da conjuntura. Nela, todos os membros poderão falar suas idéias sobre o período.

Mas esta análise, diríamos, artesanal, informal, não substitui a outra, feita por quem estudou para saber como funciona a sociedade. Estes profissionais são os sociólogos, os economistas, os historiadores, os jornalistas, os cientistas políticos, os formadores do movimento social e os ativistas muito bem preparados.

Já que é assim, alguém poderia fazer algumas perguntas. Um médico não pode fazer análise de conjuntura? Pode. Assim como um bancário, um professor de matemática, um camelô ou um engenheiro. Mas, seja lá quem for, precisa ter uma série de noções e informações de economia, de história, de sociologia e de política. Sem isso não é análise, é chute!

Qual a conclusão desta parte, sobre quem são os analistas da conjuntura? É preciso reafirmar que não se cumpre esta tarefa sem muito preparo. Vejamos mais um exemplo.

1 – PREPARAR-SE PARA ANALISAR A CONJUNTURA

Digamos que um sindicato de bancários decida alterar a sua filiação a uma central sindical. A proposta será levada para uma assembléia com a base da categoria. O que dirá a diretoria autora da proposta? “Vamos sair desta central porque todos os seus membros são feios ou sujos?”. Ou assim: “Propomos a filiação do nosso sindicato à central x porque ela é amiga do povo palestino”. É possível que seja desta maneira? São estes argumentos suficientes para uma disputa política? Evidentemente que não.

O sindicato vai ter de propor uma análise da conjuntura e buscar nela elementos que justifiquem a sua proposta. Por que uma central é mais importante do que a outra para a luta daquela categoria?

Quem for fazer a análise terá de falar sobre o sistema financeiro mundial, os lucros dos bancos, as mudanças no mercado de trabalho, a automação bancária, a relação do governo do país com o capital financeiro, a relação da central com os banqueiros, a relação do governo com o projeto neoliberal, com o FMI, enfim, analisar a grande política nacional e internacional.

Para falar a favor ou contra a desfiliação a uma central ou outra, é necessário analisar o sindicalismo mundial. Se ele está em crise ou não e por quê. E mais, quais os novos arranjos internacionais no campo sindical. Quantas e quais confederações mundiais existem? Qual sua política? Qual sua influência sobre a central em discussão? Qual o reflexo sobre a luta da categoria desta desfiliação ou não desfiliação?

Sobretudo, descer às últimas situações concretas. Discutir qual foi o comportamento da Central na última mobilização da categoria. Analisar o significado e o peso da Central nas lutas recentes, nas negociações. Qual a reação dos bancários na base e tantas outras questões.

Ficou claro? Então... é isso. Todo mundo precisa fazer sua análise de conjuntura. Cada um tem que quebrar o galho. Mas só isso não é suficiente. É necessário fazer a melhor análise possível.

Então, para fazer uma análise de conjuntura séria é preciso se preparar para tanto. Não basta chegar numa reunião e desandar a falar tudo o que vem na cabeça. É preciso que sejam usados os dados mais objetivos e vastos possíveis. E, em seguida, que se tenha a capacidade de analisar esses dados para chegar a uma proposta de ação para o momento.

2 – CADA UM TEM SUA CONTRIBUIÇÃO

Celso Furtado atribuía ao intelectual um papel decisivo na sociedade e particularmente, no auge de sua atuação política na década de 1960, nas sociedades que procuravam se libertar do subdesenvolvimento.

O intelectual, dizia ele, era o agente político que, pela sua posição na sociedade e pelo tipo de formação que recebera, tinha condições de

“antecipar-se ao consenso e preparar o caminho para que este se formasse. Tinha como visualizar as possibilidades do futuro, descrever suas vantagens e desvantagens e, portanto, orientar as decisões de seus concidadãos, envolvidos nos diferentes conflitos de interesses e portadores de visões mais estreitas, segmentadas, de curto prazo”.

Ou seja, o intelectual, na visão de Celso Furtado, tem a tarefa de fornecer o máximo de elementos para fazer a melhor análise de conjuntura. Concretamente, na vida real, cada um tem que ser um intelectual capaz de analisar a conjuntura e propor ações para mudá-la no sentido dos interesses da classe.

O importante é ter sempre bem presente que análise de conjuntura não é previsão. Ela dá pistas, orienta as escolhas, orienta a ação. E só.

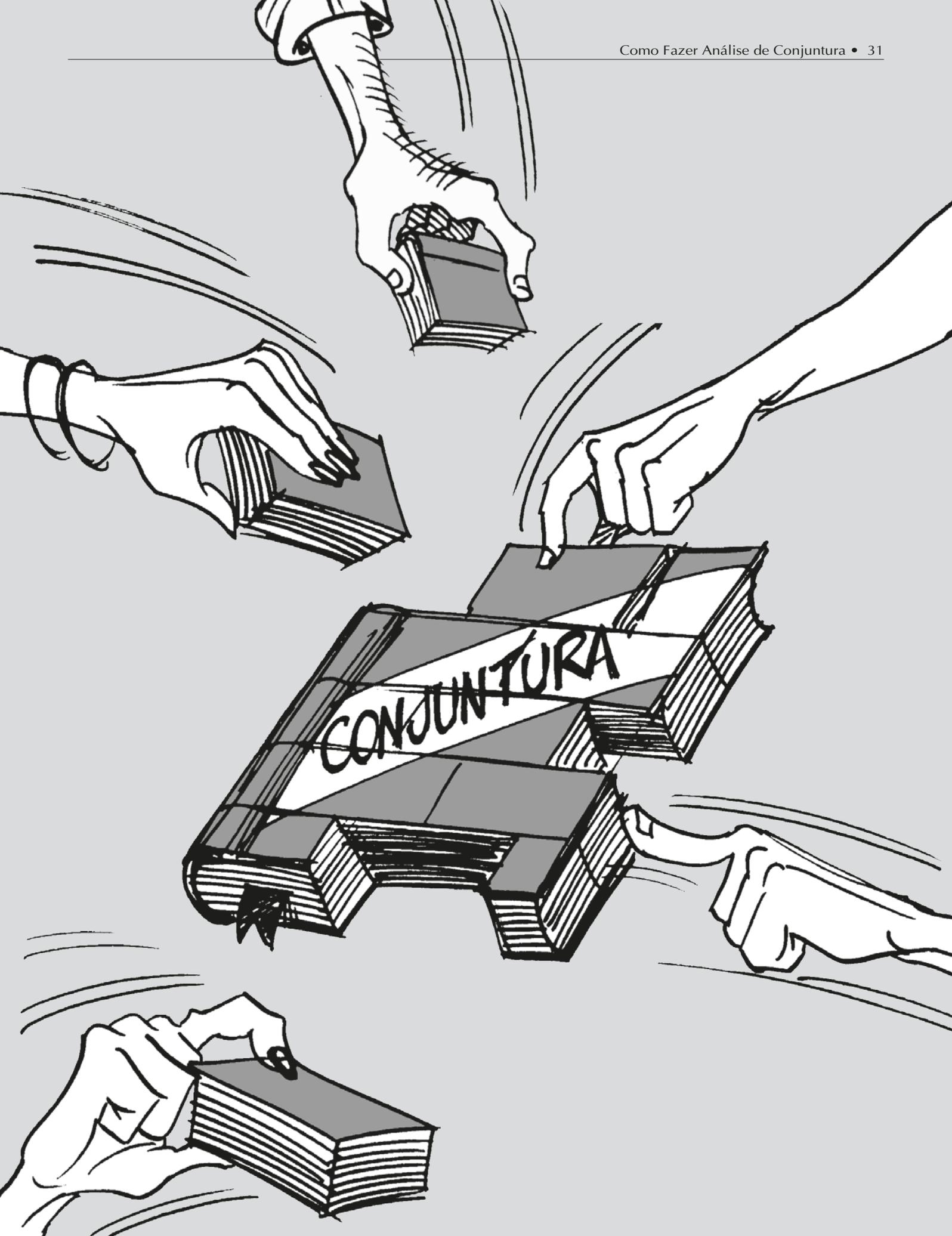
Para isso ela deve estar em sintonia fina com o tempo que se está vivendo. A análise da conjuntura ajuda a ter sempre muita atualidade nas propostas.

Para que nossa análise de conjuntura seja sempre atual e possa ser útil para a ação, é necessário que cada militante, no seu local de trabalho, seja uma fonte que traga informações na hora da análise coletiva das tendências da sociedade.

Ele poderá fornecer dados muito úteis sobre a reação dos colegas de trabalho a tal ou tal medida do governo. Poderá dizer qual a disposição do mundo onde ele vive, de levar adiante tal proposta de luta que o sindicato está pensando. Poderá dar um quadro real de como os companheiros de trabalho estão vendo a atuação do sindicato. Se o sindicato tem respeito na base ou não. Se está desgastado ou está “cheio de moral”.

Suas contribuições podem ser muito úteis para ter um quadro realista da situação e disposição dos trabalhadores na base.

Sua contribuição tornará o trabalho uma obra de arte coletiva. Obra produzida por uma rede de militantes de olhos e ouvidos bem abertos e dirigente dispostos a perceber a eficácia, nos locais de trabalho, da análise produzida no sindicato.



Capítulo 5

Elementos da análise de conjuntura

Para fazer uma análise de conjuntura satisfatória é necessário dar uma série de passos. Vejamos primeiro esquematicamente o caminho a seguir e em seguida vamos qualificar os vários elementos.

Como método de análise, propomos alguns passos que devem ser dados por sindicatos, movimentos sociais ou indivíduos que têm como função social a elaboração de uma análise séria de conjuntura. Este método contém alguns elementos essenciais que precisam ser conhecidos por quem faz este trabalho.

Resumidamente poderíamos esquematizar assim os elementos e passos essenciais a serem dados para se fazer uma boa análise de conjuntura:

- 1 Informações necessárias:** quais são as informações que precisam ser levadas em conta para fazer uma análise de conjuntura.
- 2 Interpretação dos dados:** avaliação e seleção das informações coletadas.
- 3 Planejamento estratégico da ação:** nossa análise de conjuntura tem um objetivo claro: ser um guia para a ação. Dela deve sair um plano de ação.

Vamos, agora, ver esquematicamente a lista destes pontos e, em seguida, veremos ponto a ponto estes elementos essenciais.

1 – O que conhecer: informações necessárias

- a) Dados do quadro econômico
- b) Dados do quadro político
- c) Fatores ideológicos e culturais
- d) Antecedentes históricos
- e) Quadro internacional e seus reflexos locais
- f) Sintetizar as informações
- g) Quadro nacional: econômico-político-social
- h) Informações específicas sobre o tema em foco
- i) Uma pesquisa ampla, vital e permanente
- j) O exemplo do *Inquérito Operário* de Marx, em 1878.

2 – Interpretação e qualidade das informações

- a) Fontes seguras
- b) Internet e casa da Maria Joana
- c) Toda mídia tem seu lado
 - caso 1 - *O Globo* e as ocupações do MST
 - caso 2 - *A Veja* e o acidente do metrô em São Paulo

3 – Planejamento estratégico da ação

- a) Atores e atrizes sociais
- b) As forças que interagem sobre a conjuntura

1 - Transformações econômicas

- Quem controla a terra
- Quem controla os mercados
- Como se dá o controle dos fluxos financeiros

2 - Transformações políticas

- Papel do Estado
- Peso dos Poderes e das instituições
- Funcionamento das estruturas corporativas
- Funcionamento das estruturas partidárias e sindicais

3 - Transformações culturais

- Quem controla os fluxos de informação
- Quem orienta as percepções e decisões dos indivíduos.

1 O que conhecer: informações necessárias

O primeiro passo, quando se trata de analisar uma conjuntura, é saber de quais informações precisamos. Juntar informação demais pode mais atrapalhar do que ajudar. Em seguida iremos pensar na qualidade, na confiabilidade e na precisão das informações que utilizaremos. Para começar a pensar sobre um determinado quadro social e seus desdobramentos, nosso ponto de partida é ter informações que permitam chegar a conclusões com uma margem de previsão a mais próxima do real. Não se trata de “chutes”, de “achismos” ou de adivinhações. Trata-se de observação, análise e projeções as mais sérias possíveis.

Dentre os nove itens listados vamos tratar de alguns deles mais demoradamente. De outros, que são quase auto-explicativos, daremos só um toque. Cada um, com sua experiência, saberá preencher estes temas com suas observações. O que falta, muitas vezes, não é ter a compreensão de cada item. Falta levar em conta a existência dele e colocá-lo na lista das coisas a serem incluídas na análise a ser feita.

A) DADOS PARA O QUADRO ECONÔMICO

Hoje, mais do que em outras épocas, fica evidente que as economias dos vários países estão interligadas entre si e principalmente com a dos países que definem o quadro econômico mundial.

Os juros do Brasil estão ligados ou dependentes dos juros dos EUA. O mesmo se aplica às bolsas. Ainda é comum, no Paraná, ouvir o ditado: “Se a Bolsa de valores de Londres desse um espirro, o preço do café do Brasil despencava”. E era exatamente isso que acontecia.

No primeiro semestre de 2008, o mundo todo está em suspense por causa da crise e da recessão que está se implantando nos Estados Unidos. O que tem a ver isso com a economia brasileira?

E a realidade econômica da China? O que significa um computador ser montado em Porto Alegre, com peças fabricadas na China, no Canadá, nos EUA e na África do Sul? O que significa motores do último modelo da Fiat serem produzidos totalmente em Betim (MG) e serem montados na matriz de Turim?

Qualquer discussão sobre crescimento ou não do

emprego, sobre aumento ou não do comércio popular, no Brasil, precisa levar em conta todos estes componentes.

B) DADOS PARA O QUADRO POLÍTICO

A política internacional, tanto quanto a economia, tem uma forte influência na política nacional. Historicamente é só pensar no golpe militar de 1964. Ele foi totalmente fruto do quadro político mundial. Pela geopolítica da época, com o mundo dividido em dois blocos antagônicos, o Brasil, na visão dos EUA, não poderia sair de sua esfera de influência. Foi assim que foi preparado o golpe que se repetiu em quase todos os países da América Latina, considerada o eterno quintal dos Estados Unidos. Mas isso já é história. E hoje?

Qual a diferença, para a América Latina, da vitória dos republicanos ou dos democratas na eleição de novembro deste ano? E, entre Hillary Clinton e Barack Obama, o que muda para o Brasil? E para a Venezuela? E para toda a América Latina?

Para os trabalhadores, muda alguma coisa com a criação da nova central sindical mundial, a CSI, fruto da fusão da antiga CIOSL com a CMT, em 2005? Qual sua política? Qual sua política específica para a Educação?

Em qualquer análise do quadro político internacional, é preciso fazer o balanço do neoliberalismo. A quantas anda, no mundo inteiro, a onda neoliberal? Ela estancou? Estaria mostrando seus efeitos altamente maléficis ou continua iludindo milhões pelo mundo afora?

C) FATORES IDEOLÓGICOS E CULTURAIS

Para se propor uma ação a um grupo social determinado é preciso conhecer, em profundidade, suas tradições, sua cultura específica. Falar de libertação da mulher no Paraná, no Pará ou no sertão do Piauí, são coisas diferentes. Diferentes, porque diferentes são a história e as experiências de cada um destes três estados do mesmo Brasil.

Mas esta diferença, nós a encontramos muito forte, dependendo de onde cada pessoa ou grupo se encontra na escala social. O famoso caos dos aeroportos, que ocupou milhares de páginas dos jornalões no ano de 2006 e 2007, certamente comoveria muito pouco quem nunca viajou e nunca viajará de avião.

Qual a influência da psicologia das grandes massas neste fato com forte cunho político? Qual o peso dessa reação psicológica na conjuntura?

O movimento “Cansei”, após a queda do avião da TAM em São Paulo, em 2007, que expressava os sentimentos de uma parte da classe média, teria condições de se transformar num movimento mais amplo? Que condições necessitaria? Existiam estas condições?

É evidente que, sem uma análise que leve em conta estas variantes, um plano, um movimento, uma ação podem ter resultados diferentes dos esperados por seus planejadores.

Sobram exemplos. Numa sociedade conservadora, quais reações provoca uma pregação libertária, com uma nova moral sexual, como muitas vezes a esquerda, pelo mundo afora, tem feito? Sem levar em conta estes fatores culturais, às vezes, todo um plano de implantação de uma determinada visão pode ir água abaixo.

Então, está claro o que entendemos por antecedentes históricos e o seu papel na análise de conjuntura ?

Vamos lembrar:

As situações que encontramos hoje e sobre as quais queremos agir têm um histórico que precisa ser conhecido. Isto, não apenas para não repetir os erros do passado, como se tornou comum dizer. Mas para, através do estudo do passado, entendermos o presente. Quais as questões centrais de um determinado episódio e quais as suas implicações para uma dada situação hoje?

Para entender o presente, conhecer o passado é fundamental porque algumas questões permanecem atuais. E essas questões podem ser de ontem, de anteontem ou de séculos, como é o caso da cultura católica no Brasil, por exemplo.

D) ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Não podemos entender a situação atual, sob qualquer ponto de vista, se não tivermos um amplo conhecimento de como foi o ontem, o anteontem, enfim, o decorrer da história. Os processos são construídos por grupos sociais ao longo da história. É o devir histórico. Ou seja, ao analisar uma conjuntura específica no ano de 2008, estamos no tempo presente. Trata-se do hoje, do aqui e agora.

Mas é preciso conhecer o ontem, também. Os fatos atuais, as situações, ou mesmo uma situação específica que tomemos como referência, não são filhos de chocadeira. São filhos da história. Então, assim como podemos estudar o passado a partir do presente, podemos refletir sobre o presente a partir do passado.

Mas estudar o passado, não é decorar nomes de reis, rainhas e presidentes. Não é saber, de cor e salteado, a cronologia dos acontecimentos. É, sim, entender quais foram os problemas do passado, como se constituíram ao longo da história e como se relacionam e interferem nos problemas atuais. Isto é o que queremos dizer quando falamos em entender os antecedentes históricos como condição prévia para a análise de conjuntura. Agora, entender a história não é apenas debruçar-se sobre a sua dimensão política, mas sobre todas as atividades humanas.

Voltemos ao exemplo do PDE. Não podemos analisar o PDE sem conhecermos quais os problemas centrais para a Educação no Brasil. E como o analista de conjuntura vai conhecer os problemas centrais da Educação no Brasil? Através do estudo dos documentos oficiais, através das notícias e análises da imprensa, através de depoimentos orais, e por meio da literatura.

Através do conhecimento da História será possível tirar lições preciosas. Será possível aprender com os erros que visivelmente aparecerão ao analisar o passado. E este conhecimento será mais um elemento no grande mosaico dos componentes da nossa análise de conjuntura.

EXEMPLO

**A memória histórica
de uma Associação Comunitária**

**Um grupo de pessoas quer revitalizar
uma associação de moradores
num bairro muito pobre da periferia
de uma grande cidade do país.**

**A intenção é das melhores,
as pessoas estão cheias
de boas intenções.**

**Mas, sem uma análise séria
da situação atual, real, concreta,
facilmente o grupo poderá
dar com os burros n'água.**

E por onde começa esta análise? Exatamente pelo quadro histórico desta comunidade. Quando foi criada? Como foi? Nasceu do zero ou foram trazidas para o local famílias de uma favela já existente? De onde vinham seus moradores? Migrantes? De onde? Quais formas de organização foram criadas nos quarenta anos de existência deste novo conjunto? Quais foram as lideranças neste processo? Qual a presença de organizações da sociedade civil, ao longo desses anos? Qual a atuação da Igreja Católica? E como foi o aparecimento das outras denominações cristãs, as chamadas Igrejas Evangélicas?

Há mais umas vinte, cinquenta ou cem perguntas a serem respondidas. Por exemplo: qual a presença dos partidos políticos nesta comunidade? Qual a presença da esquerda? E dos movimentos sociais? E quando e como o poder público apareceu, se é que existe, neste local? Escolas, creches, postos de saúde, segurança pública, etc. Qual sua relação com a clássica política clientelística que corrompe as consciências?



E outro aspecto fortíssimo a ser analisado historicamente: o tráfico de drogas e suas correlações. Quando apareceu o tráfico da maconha? E a cocaína e o *crack*? E como foi a atuação da organização do tráfico do começo até hoje, quando o tráfico é simplesmente chamado de “movimento”.

Mais ainda. Qual a atuação da polícia no bairro? Sua relação com a população, seu envolvimento com a cor-

rupção e o controle que ela tem sobre os traficantes e sobre toda liderança comunitária que apareça. Qual o sentimento da população com relação à polícia e aos traficantes?

E, historicamente, como é a escola neste bairro? Onde estudam seus filhos? Há escolas? Quais os problemas além da estrutura física do prédio, se é que existe? Há professores, ou a violência tornou inviável continuar com as aulas? Violência de quê?

Como vemos, o rosário de perguntas não acaba nunca. São dezenas de questões que precisam ser formuladas e respondidas pelo grupo que quer atuar e influir nessa comunidade. Parece uma enormidade. E realmente é muito complicado. Mas, sem essas respostas, a ação transformadora com a qual aquele grupo de pessoas bem intencionadas sonha, muito provavelmente produzirá frustrações e desânimo. E não os resultados positivos esperados.

É necessário ver, analisar as ações desenvolvidas por outros agentes anteriores. Ver os erros e os acertos. As dificuldades e como elas foram superadas ou contornadas. Este é o sentido da recuperação histórica de dados e fatos. Com esse instrumental poderemos continuar na nossa análise.

E) QUADRO INTERNACIONAL E SEUS REFLEXOS LOCAIS

Hoje, são cada dia mais raros os que não percebem as implicações internacionais na vida de cada um.

Todo mundo já comprou um canivete suíço que não é mais suíço ou uma camiseta de algodão de uma famosa marca brasileira que não tem nada de Brasil. Não há quem não veja, no dia-a-dia, que o mundo está todo relacionado e que tudo tem a ver com tudo.

Vamos olhar dois exemplos que podem reforçar a idéia de que para fazer uma boa análise de conjuntura é necessário colocar na balança o que está acontecendo no mundo.

EXEMPLO

Carros, sapatos, computadores, tudo está transnacionalizado

Quais os reflexos para quem quer planejar uma luta na Fiat, em Betim (MG) do fato da multinacional estar planejando abrir uma nova fábrica no México ou na África do Sul?

E para a indústria calçadista de Franca (SP), como vai ficar a situação com a abertura indiscriminada das importações da China? Chegarão tênis e outros sapatos a preços irrisórios de dois dólares cada? E, então, dá para fazer uma greve “até a vitória”? Mas já corre o boato que a maior empresa da região de Franca estaria planejando a importação de 700 *containers* de sapatos da Índia. E aí?

A situação da economia mundial tem reflexos diretos na economia de cada país. A globalização dos capitais representa uma inter-relação que seria impensável 50 anos atrás. Mas hoje ela tem que ser levada em conta para ter um quadro completo das possibilidades de uma luta dos trabalhadores de tal setor ser vitoriosa.

EXEMPLO**Influências da derrota de Chávez no plebiscito de 12/2007**

Não vamos aqui fazer uma avaliação da política do presidente venezuelano Hugo Chávez. Não está no propósito deste caderno. O que vamos tratar é unicamente do aspecto “antecedentes históricos” que precisa ser muito bem analisado por quem quer entender o sentido daquele fato que mobilizou as atenções do mundo, em dezembro de 2007.

Nas mil análises que circularam em jornais, revistas e, sobretudo, pela Internet, houve uma cujo título ilustra a importância da análise histórica dos fatos. A manchete de um analista francês dizia: “Muitas vezes uma derrota pode ensinar e ser mais útil do que dez vitórias”. Era uma análise crítica, tendencialmente positiva para Chávez. Mas o que chamou a atenção foi a necessidade de ver historicamente como se chegou a este resultado que, para o projeto bolivariano do presidente da Venezuela, obviamente não foi positivo.

A importância de conhecer bem todos os antecedentes históricos é clara. Por que se chegou a esse revês? Como foi desde que Chávez apareceu na cena venezuelana? Qual a participação popular neste movimento? Ela cresceu, estagnou ou diminuiu? E quais as reações dos seus opositores de direita?

F) SINTETIZAR AS INFORMAÇÕES OBTIDAS

Mas não é só a realidade econômica internacional que deve ser levada em conta. Há uma série de dados políticos que precisam ser analisados. O que significa para o Brasil e para a América Latina a vitória de tal ou tal outro candidato à Presidência dos Estados Unidos? Existe alguma diferença, para nós no Brasil, entre Obama e Hillary Clinton?

E uma derrota do projeto bolivariano de Hugo Chávez, o que significaria para a direita do nosso país? O que daria de fôlego à direita brasileira?

Esses dados precisam ser confrontados uns com os outros. É preciso fazer uma nova síntese que é muito mais do que a soma de um monte de dados desconexos.

Qual o significado e os reflexos da decisão da Justiça italiana de condenar nossos belos torturadores da época da ditadura? Aqui no Brasil, diferente de quase todos os países latino-americanos, até hoje se saíram livres e vivem tranquilíssimos. O que a decisão da Itália pode significar para a luta do Grupo Tortura Nunca Mais?

Não é segredo para ninguém que a queda dos regimes chamados “socialistas” do Leste Europeu, no final dos anos 1980, teve um profundo reflexo sobre milhares de militantes e dirigentes de esquerda do nosso país e do mundo. Qual era o peso da falência daquelas experiências, que pouco tinham de socialista, em qualquer análise de conjuntura da época?

Mas o que é essencial para usar os vários dados que compõem o quadro da conjuntura é ter clareza de que as informações que coletamos não significam muita coisa isoladamente.

De pouco me adianta saber que o Produto Interno Bruto (PIB), ou seja, o conjunto das riquezas produzidas num país, é de tantos bilhões. Esta informação, porém, pode se tornar valiosa, se compararmos este PIB com o de outros períodos da história e com o PIB de outros países da mesma região e também de outras regiões.

As informações que obtivermos para a nossa análise devem ser contextualizadas geográfica e historicamente.

Uma análise de conjuntura na primeira década do século XXI, necessariamente, deverá se debruçar sobre conceitos como globalização, Estados nacionais, atuação do império norte-americano, valor da democracia e muitos outros. Precisar analisar atores como as corporações, as ONGs, o papel dos organismos internacionais, além dos tradicionais partidos políticos e dos movimentos sociais. Todos estes elementos influem com suas características sobre os tempos atuais.

As características que compõem o cenário do mundo em que vivemos precisam ser localizadas e encaixadas no conjunto da análise que pretendemos fazer. Algumas delas são centrais, como: encurtamento do tempo, inexistência de fronteiras, uniformização e enfraquecimento de valores, rápidos fluxos de capital e informação, interdependência entre os Estados, desastres ambientais.

Do lado específico dos trabalhadores, a conjuntura deste começo de século é de perdas, com a fragmentação e redistribuição da produção.

A antiga cadeia produtiva hoje se espalha por diversos países, gerando o deslocamento do capital para locais com mão-de-obra mais barata e baixa organização

sindical. As conseqüências saltam aos olhos: desregulamentação do mercado de trabalho e perda de direitos. Tudo isso deve ser levado em conta ao pensar em qual ambiente terá que ser desenvolvida tal luta.

Na década de 1990, o neoliberalismo já havia dominado a Europa com os velhos partidos socialistas aderindo ao novo sistema e chegando a ser considerados, por muitos, como social-liberais. Naquele momento, diversos autores produziram artigos discutindo os problemas relativos à emergência, expansão e crise do “Estado de Bem-estar Social” e abordando as condições históricas de emergência do “*Welfare State*” nas sociedades capitalistas avançadas. Debatiam-se questões como investimento e consumo social, crise fiscal, legitimação do poder, democratização, crise do “*Welfare State*”, ascensão neoliberal e crítica conservadora. Esse clima, evidentemente influenciou política e, sobretudo, subjetivamente a atuação de milhares de militantes.

Todos estes fatores entram na “correlação de forças” da qual falamos acima. Precisam ser colocados em qualquer balança.

Em síntese, em toda análise de conjuntura, sempre se precisa levar em conta o quadro internacional. Os velhos militantes dos partidos comunistas lembram que toda reunião de célula começava com uma análise de conjuntura. E nessa, sempre era traçado, primeiro, o quadro internacional e, depois, o nacional. Que tal manter esta tradição básica?

G) QUADRO NACIONAL: ECONÔMICO-POLÍTICO-SOCIAL

Há várias maneiras de se apresentar dados e fatos da realidade do país. Vejamos uma de autoria de Ernesto Germano Pares, estudioso do sindicalismo, que forneceu no seu *Boletim Semanal de Análise de Conjuntura*, de 30 de dezembro de 2007.

O cenário que Ernesto analisa é o Brasil do ano de 2007. Por esta análise dos dados a economia vai de vento em popa. Embora o preço do feijão tenha subido, as classes populares vão às compras.

“A Construção Civil foi o setor da economia que teve o maior crescimento na geração de empregos com carteira assinada este ano, de acordo com os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho Emprego. De janeiro a novembro, o segmento apresentou uma expansão recorde de 203 mil vagas, o que representou uma alta de 15% no total de empregos formais desta atividade. Em seguida, aparecem Agropecuária (9,9%), Indústria de Transformação (8%), Comércio (6%) Serviços (5,6%). A segunda maior taxa de crescimento da construção civil havia sido registrada em 2005,

quando o estoque de empregos subiu 9,77%. Nos onze primeiros meses de 2006, o setor teve um saldo de 121 mil novas vagas, crescendo 10,4%, segundo os dados do Caged”, informa. As classes populares compram, a indústria vende. Ao mesmo tempo, aumentam os programas de transferência de renda o acesso às universidades privadas: bolsa família, bolsa escola, PROUNI.”

Esta é uma análise baseada em dados. Mas

esses dados são filtrados pela avaliação pessoal do autor em questão. Dias depois da publicação do boletim acima, o velho militante Plínio de Arruda Sampaio fez circular pela Internet uma posição favorável à greve de fome realizada pelo bispo dom Luiz Flávio Cappio. Interessante é notar que todos os dados que Ernesto elencou acima, ou são contestados ou são interpretados de maneira completamente oposta. Qual é a melhor avaliação? Aquela que partir de dados mais próximos do real.

**Seja qual for a paixão política que nos move,
necessitamos de basear nossa ação em fatos reais.
Sem isso, ficaremos no mundo dos desejos,
longe do real, do concreto.
A avaliação política é posterior.**

Cada um tem sua avaliação, que depende de seu posicionamento político-ideológico. Aqui não há problemas. O problema existe quando o posicionamento ideológico nos impede de ver os fatos. De senti-los e de perceber seu peso na conjuntura, objetiva e subjetivamente.

Vejamos um caso polêmico que aconteceu em final de 2006 e se arrastou até meados de 2007.

EXEMPLO

Comportamento da mídia na eleição presidencial de 2006

Logo após a eleição presidencial de 2006, muitos núcleos de análise se formaram para explicar a vitória do candidato que não era o escolhido pela mídia. Quem estava acostumado a dar uma importância fundamental ao poder da mídia se encontrava atônito. Quase catatônico. Afinal, a mídia faz cabeças ou não? Ela determina comportamentos, ou não? Ela tem poder ou não?

Nos últimos dias de novembro, ainda com a eleição fresquinha, o Núcleo Piratininga de Comunicação realizou seu tradicional curso anual. O tema central daquele ano, pensado em agosto, antes da eleição, portanto, era: “Comunicação como disputa de hegemonia”. O plano era de fazer uma discussão mais teórica, baseadas em Gramsci e tantos outros mestres da comunicação, da Escola de Frankfurt a Martin Jesus Barbeiro.

Quando o convite chegou às pessoas que iriam ao curso, houve uma grita generalizada. Todos queriam discutir a mídia à luz do resultado eleitoral. Menos Frankfurt e mais prática. Rapidamente o tema geral teve que mudar ou, ao menos, se ampliar para: “Comunicação e hegemonia - é a mídia onipotente?”

A resposta que as pessoas queriam viria menos de análises comunicacionais e mais de uma análise de fatos, dados, números concretos. Ou seja, de uma análise de conjuntura.

Para entender o resultado eleitoral servia mais saber quantos milhões recebem o Bolsa Família. O que representa essa quantia para quem nunca viu uma nota de 100 ou 50 reais. Saber como vai o emprego, com ou sem carteira assinada.

Saber mais cem dados de como está a economia. O povo está comprando mais ou menos? O comércio está vendendo mais ou menos? Come-se mais ou menos? E muitas outras questões que antes de ser questões são dados, números, fatos.

Claro que só dados e números, sozinhos, não nos dão um quadro geral. Mas estes são prévios. Politicamente cada um pode ter sua opinião sobre o Prouni, ou sobre a questão mais geral das vagas em escolas privadas pagas com dinheiro público. Perfeito, a discussão política deve existir e deve ser uma arena para debates acalorados e encaminhamentos num sentido ou

no outro. Mas, o que precisamos ter claro é que antes das nossas conclusões, é necessário conhecer as reações de quem é diretamente atingido pelo programa social *a* ou *b*. Esta informação deve entrar na nossa análise de conjuntura ao lado de muitos dados e fatos.

Há dados dos diferentes institutos que existem no país, do IBGE ao IPEA, de dados e pesquisas de fontes particulares, a dados e números levantados por ONGs ou algum organismo de governo.

Em todos os casos, tudo deve ser pesado, com a desconfiança própria dos pesquisadores. Se pegarmos os dados sobre a Reforma Agrária fornecidos pelo INCRA e os que o MST nos dá, teremos a impressão de estarmos em planetas diferentes.

Por isso, repetimos, é essencial selecionar os dados, as fontes e analisá-los com uma lupa bem possante. Sem isso, estaremos bebendo veneno achando que é água cristalina.

H) INFORMAÇÕES ESPECÍFICAS SOBRE O TEMA EM FOCO

Além da enormidade de informações de que necessitamos para ter um quadro econômico, político, cultural, ideológico do que está em volta da nossa discussão, é preciso ter informações muito exatas sobre o tema que estamos querendo atacar. Precisamos conhecer tudo sobre aquele assunto específico.

Um sindicato de profissionais da Educação não precisa ser especialista em combustíveis, biocombustível, etanol, gás, etc. Estas são coisas de petroleiros. É verdade.

Mas os profissionais da Educação precisam saber tudo sobre seu assunto. Para qualquer profissional desta área é importante saber como, na Venezuela, o governo Chávez conseguiu erradicar totalmente o analfabetismo, em menos de dois anos. Qual método foi usado? Como foi mobilizada a população? Em quais outros países obtiveram-se resultados parecidos? Aqui no Brasil, em que pé está o combate ao analfabetismo? Existe analfabetismo? Qual a porcentagem? E os analfabetos funcionais? E os milhões e milhões que nunca leram nem lerão um jornal?

Como vamos explicar para a população o baixíssimo nível dos resultados do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), em matemática, física e língua portuguesa, publicados no começo de dezembro? Estes dados foram gerados como? São verdadeiros?

Afinal, há muitas e muitas informações específicas que os profissionais da Educação precisam saber para planejar uma nova jornada de lutas.

Sem essas informações nossos argumentos serão derrubados com a maior facilidade, seja numa mesa de negociação, seja numa assembléia, seja numa roda de amigos. Sobretudo, serão derrubados pela realidade dos fatos.

I) UMA PESQUISA AMPLA, VITAL E PERMANENTE

Há um conjunto de dados que não são facilmente quantificáveis, mas são essenciais para qualquer análise que vise uma ação política coletiva.

Precisamos conhecer a realidade sócio-econômica dos que desejamos que sejam os atores da mudança. É preciso conhecer uma série de dados sócio-econômicos dos setores sociais que se costuma chamar de massa, mas que, na verdade, não é um amontoado anônimo e sim uma soma de individualidades.

Qual seu nível de escolaridade? Sua qualificação profissional. Seu nível salarial. Onde e como mora. E qual o transporte que usa?

Outro grande bloco de informações é conhecer

os hábitos sóciopolíticos dos futuros atores da transformação que sonhamos. Qual sua participação sindical? E político-partidária? Participa de alguma religião? E seu lazer? Em sua vida existem teatros, cinemas, shows? E à praia, ele vai? E futebol?

E leitura, lê jornal? Qual? E livros, algum dia leu algum? E televisão, qual canal ele vê? Gosta, reclama? Qual o sonho de vida da maioria dos companheiros da base? Qual sua expectativa de ascensão social? Estas e outras perguntas são necessárias para não cair no eterno chororô de que a diretoria do sindicato está afastada da vida real do dia-a-dia.

A velha orientação que o líder guerrilheiro do Vietnã, Ho Chi Min, dava aos seus comandados, nos anos 1960, era muito clara. O guerrilheiro deveria estar no meio do povo que ele queria que se levantasse, como o peixe na água. E para isso devia obedecer aos “Três juntos”: “Viver junto, comer junto e trabalhar junto”.

Essa receita pode ser aplicada ao caso de ter que fazer uma eficaz análise de conjuntura. Precisamos conhecer tudo dos que sonhamos em ver na frente do campo de batalha da libertação da classe trabalhadora.

J) O EXEMPLO DO INQUÉRITO OPERÁRIO DE MARX, EM 1878.

Em 1880 Marx escreveu um texto para os sindicatos franceses que pode ser tomado como exemplo da necessidade de se conhecer todos os mínimos detalhes da vida dos trabalhadores.

Ele faz uma lista enorme de informações que os militantes operários daqueles sindicatos precisariam ter para planejar suas lutas com êxito.

É incrível o detalhismo de Marx, a exigência de conhecer a fundo tudo sobre a vida, as condições de trabalho, os métodos de trabalho e as expectativas dos trabalhadores.

Vale a pena ler e aproveitar para nosso método de buscar elementos para analisar a conjuntura. Reproduzimos aqui algumas das tantas questões minuciosas colocadas pelo autor de *O Capital*, para ajudar aqueles trabalhadores a entender o mundo no qual precisavam agir.

Para quem pensa em fazer uma análise de conjuntura profunda é bom ver o exemplo, vindo do meio da luta dos trabalhadores, de quase 130 anos atrás.

É interessante observar o nível de detalhismo que o fundador da teoria do Materialismo Dialético exige dos trabalhadores que lhe pediram ajuda.

Se eles quisessem acertar na sua análise e no plano de lutas era necessário conhecer a fundo tudo sobre a produção e seus mecanismos macro-econômicos. Aplicando esta lição à análise de conjuntura, temos uma idéia da amplitude e da seriedade da tarefa.

Selecionaremos uns trinta pontos, dos 100 apresentados por Marx, somente para ter uma idéia geral. A realidade de hoje é outra, mas a necessidade de conhecê-la permanece a mesma de 1880.

Deixamos os números da seqüência original.

O INQUÉRITO OPERÁRIO

Item 2-A fábrica em que você trabalha pertence a um capitalista ou a uma sociedade anônima? Dê os nomes dos patrões capitalistas ou dos diretores da empresa.

Item 3-Declare o número de trabalhadores da empresa.

Item 4-Declare a idade e o sexo destes trabalhadores.

Item 5-Qual a idade mínima em que as crianças (meninos ou meninas) começam a trabalhar?

Item 8 - Existem, além dos operários empregados regular e usualmente, outros que são empregados de tempos em tempos?

Item 9-A indústria do seu empregador trabalha exclusiva ou principalmente para o mercado local, para o mercado nacional ou para a exportação?

Item 13-Dar detalhes a respeito de como é a divisão do trabalho em sua indústria.

Item 15-Indique o número de edifícios ou locais em que funcionam os diferentes ramos da indústria. Descreva a especialidade em que você trabalha, referindo-se não apenas à parte técnica como também à fadiga muscular e nervosa que o trabalho lhe impõe, e de como repercute, em geral, sobre a saúde do operário.

Item 16-Descreva as condições higiênicas da fábrica: tamanho das instalações e lugar destinado a cada operário; ventilação, temperatura, caiação das paredes; condições em que se encontram os sanitários; limpeza em geral; ruído das máquinas, pó do metal, umidade, etc.

Item 17-O município ou governo vigiam as condições de higiene da fábrica?

Item 18-Em sua indústria há emanções nocivas que provoquem enfermidades específicas entre os operários?

Item 21-Enumerar os acidentes de trabalho ocorridos durante o tempo em que você trabalha na fábrica.

Item 24-Que tipo de combustível se emprega na fábrica (gás, petróleo, etc.)?

Item 37-Indicar as horas em que trabalham os meninos e os menores de 16 anos.

Item 38-Dizer se há turnos de meninos e menores, que se substituam mutuamente durante as horas de trabalho.

Item 40-Existem escolas para os meninos ou menores que trabalham nesse ofício? Se existem, a que horas funcionam? Quem as dirige? Que se ensina nelas?

Item 52-No seu ramo de atividade, o trabalho é sazonal ou é regularmente distribuído no transcorrer de todo o ano? Se o seu trabalho é sazonal, como é que você faz nos períodos em que não há trabalho?

Item 58-Quer seja por tarefa ou por tempo, quando o trabalho é pago? Em outras palavras, durante quanto tempo você credita a seu patrão antes de receber o preço do trabalho efetuado? Você é pago após um mês? Uma semana? Etc.

Item 64-Qual foi, em sua fábrica, o mais alto salário por dia, durante o mês anterior?

Item 69-Quais são os preços dos artigos de primeira necessidade, tais como: (a) aluguel da moradia, indicando as condições do contrato; número de cômodos e de pessoas que os ocupam; gastos com reparos e seguros; compra e manutenção dos móveis, calefação, iluminação, água, etc.; (b) alimentos: pão, carne, legumes, batatas, etc., laticínios, peixe, manteiga, azeite, banha, açúcar, sal, temperos, café, cerveja, sidra, vinho, fumo, etc.; (c) vestimentas para pais e filhos, roupa de cama, higiene pessoal, banhos, sabão, etc.; (d) despesas várias: correio, taxas de empréstimo e agiotagem, pagamento da escola para os filhos, revistas, jornais, contribuições a sociedades e caixas para greves, sindicatos, etc.; (e) em seu caso pessoal, gastos relacionados com o exercício do seu trabalho ou profissão; (f) impostos e taxas.

Item 71-Em sua experiência pessoal, já observou uma alta maior de preços dos artigos de primeira necessidade, moradia, comida, etc., que dos salários?

Item 73-Indique as baixas sofridas pelos salários nos períodos de chamada prosperidade.

Item 76-Estabeleça um paralelo entre o preço dos artigos que você produz ou dos serviços que você presta e o preço de seu trabalho.

Item 77-Você conhece casos em que operários perderam o emprego porque foram introduzidas máquinas novas ou aperfeiçoamentos de um outro tipo?

Item 79-Sabe de algum caso de elevação dos salários em consequência dos progressos da produção?

Item 83-Quantas greves foram declaradas em sua indústria, desde que você nela trabalha?

Item 86-Que finalidade tinham essas greves: aumento de salários ou eram uma luta contra diminuições salariais? Discutia-se nelas a duração da jornada de trabalho ou referiam-se a outras causas?

Item 91-Houve coalizões de empregadores que procuram impor reduções de salários, aumentos do trabalho, para se oporem às greves, ou, de modo mais geral, para imporem sua vontade?

Item 92-Você conhece casos em que o governo tenha posto a força pública a serviço dos patrões contra os operários?

Item 93-Conhece casos em que o governo tenha intervindo para proteger os operários contra os abusos dos patrões e suas coalizões ilegais?

Item 100-Quais são, em geral, as condições físicas, intelectuais e morais em que vivem os operários e operárias que trabalham em seu ofício?

(Karl Marx – *O Inquérito Operário*)

2 Interpretação e qualidade das informações

Este tema será objeto do capítulo posterior, o Capítulo 6

3 Planejamento estratégico da ação

Este tema será objeto do capítulo posterior, o Capítulo 7



Capítulo 6

Interpretação e qualidade das informações

Vimos, até agora, que a procura de informações que nos forneçam elementos de análise do momento e da correlação de forças deve ser a mais ampla possível. Agora, chegou a hora de conversar sobre a qualidade desses elementos. Nem tudo o que brilha é ouro, diz o ditado popular. O mesmo se aplica para as fontes das nossas informações.

Se queremos fazer uma análise que corresponda à realidade, precisamos selecionar, avaliar e descartar informações não confiáveis. Com informação ruim, é grande o risco de obter um quadro equivocado. O resultado pode ser desastroso. Por isso, mãos à obra: vamos ver a qualidade das informações que nos chegaram de várias fontes.

1 - FONTES SEGURAS

Para compreendermos uma determinada realidade social, devemos procurar pela raiz dos fenômenos que nela incidem. Para isto, precisamos das

mais completas e seguras informações sobre a situação econômica e política do período que queremos estudar e sobre as transformações econômicas, políticas e culturais que levaram a um determinado quadro político e social. Tudo isto já dissemos nos capítulos anteriores.

Essas informações, porém, devem ser buscadas com o máximo de objetividade possível. Não devemos nos iludir com a idéia de uma coleta neutra. Uma coleta isenta de valores e posições.

Precisamos sempre ter presente que cada fonte tem sua base ideológica. Por isso, devemos nos esforçar para ter a frieza de anatomistas.

Nossos anseios, reclamos, nossa raiva ou nossos desejos podem esperar para ser ativados no momento das propostas de ação, na definição de ações para mudar determinada conjuntura a nosso favor. Antes disso, como dizia o filósofo, nem rir, nem chorar; mas, sim, compreender.

A nossa análise de informações necessárias para uma análise de conjuntura funcionaria como uma espécie de dissecação de um cadáver. Dissecação da realidade sobre a qual se quer pensar.

2 - INTERNET E CASA DA MARIA JOANA

Há informações que podem ser encontradas em profusão na Internet. Mas... todo cuidado é pouco. A Internet é mais vulnerável do que o papel... aceita qualquer coisa! Quem quiser pode espalhar suas pérolas ou seus venenos, desde um moleque irresponsável até os chamados "serviços de inteligência", com sórdidas finalidades.

Para basear-se nas informações da Internet é preciso ter uma listagem de sítios, portais, agências, blogs e redes de e-mails que sejam testados, conhecidos. Quando se entra em contato com fontes desconhecidas, é necessário usar a eterna prudência e desconfiança.

Não é porque uma notícia está na Wikipédia que está correta. Depende de quem a colocou lá. E isso vale para todas as inúmeras fontes, com os trilhões de informações que estão disponíveis para bilhões de usuários.

Devemos nos acostumar a consultar sites e fontes que tenham sua qualidade confirmada por um conjunto de movimentos sociais, universidades, órgãos não-governamentais e governamentais. E saber quem os alimenta e para quê. Deve-se levar em conta quem informa e como recolheu a informação e, sobretudo, qual o objetivo de mandar ou disponibilizar tal ou tal outra informação.

Todas as informações vêm de fontes. É importante se assegurar de que estas fontes sejam seguras. Você beberia água de uma fonte qualquer, sem saber se o líquido que sai dela é limpo ou contaminado?

As aparências não são uma boa base para planejar uma ação. Uma água pode ter uma linda aparência cristalina e ser envenenada. Pois é. Com a informação é a mesma coisa. Precisa-se conhecer a origem da

informação, ou seja, a fonte. Às vezes, a gente até aceita beber uma água nem tão boa – mas sabendo que vai ter algum problema. E devemos procurar a boa água.



3 - TODA MÍDIA TEM SEU LADO

Hoje, por incrível que pareça, ainda há jornalistas, apresentadores de TV e de programas de rádio e até professores de comunicação que repetem que a mídia é neutra. Que ela é imparcial, que “não tem lado”. Que sua missão é informar, informar e informar.

Depois do carnaval de mentiras espalhadas pelo mundo afora através de três ou quatro agências estadunidenses, a propósito dos motivos da invasão dos EUA ao Iraque em 2003, muita gente abriu os olhos. Todos lembramos que durante dois anos, de setembro de 2001 até a invasão estadunidense, o mundo foi bombardeado por informações “altamente confiáveis” de que o ditador do Iraque, Saddam Hussein, tinha “armas químicas,

bacteriológicas” e, horror dos horrores, armas atômicas! Ele poderia acabar com a civilização ocidental!

Milhões, ou pior, bilhões de pessoas acreditaram em Bush e em seu complexo industrial-militar e passaram a aceitar a necessidade dos EUA irem fazer uma “limpezinha”, matando algumas centenas de milhares de iraquianos (imaginem só, árabes... quase todos terroristas... diz Bush.)

E aí?

Depois de um ano de invasão estadunidense, a ONU mandou uma missão altamente especializada para averiguar, no local, a existência dessas terríveis armas. Pois a missão ficou no Iraque um mês e ao final disse que não havia vestígio nenhum destas tais terríveis armas.

E a mídia mundial?

Publicou umas coluninhas acanhadas sobre este resultado. Exatamente como as agências norte-americanas queriam. Repetiu o que a mídia dos EUA noticiou através dos seus parques comunicados.

E a tal imparcialidade, neutralidade, objetividade? Bobagens para enganar criança. O que conta, na mídia empresarial, é o interesse do dono, ou dos donos.

A mídia é uma das duas componentes da disputa de hegemonia na sociedade.

A hegemonia se garante com força e consenso.

E a mídia é muito útil para produzir consenso.

Ela não é neutra.

Muita gente diz: “Deu no jornal” ou “deu no Jornal Nacional”. Ou pior ainda, “você não viu no Fantástico?”. Ter saído nestes meios de comunicação é quase um atestado de confiabilidade, de verdade. Um certificado de garantia. Sabemos que não é nada disso. Mas o mito da neutralidade e da objetividade continua.

Deu no jornal, é verdade. Deu na televisão. E, a partir daí, para milhões e milhões de telespectadores é o fim do mundo: é verdade sagrada dos deuses dos céus. E para muitos, até o rádio faz parte das verdades sagradas.

Um de nossos amigos conta uma estória interessante. Ele pegou um táxi e o taxista, certamente para

se informar, estava ouvindo uma rádio qualquer. Nosso amigo ouviu o radialista falar de um assunto que lhe interessava: rádios “piratas”. Tentou pegar a notícia, mas já estava no fim. Pediu ao taxista para contar o que estava sendo falado. Ele, sem dar a mínima importância, disse distraído: “Ah, é esse negócio de *rádios piratas*. Elas derrubam até avião!”

Certamente, esse taxista já tinha ouvido falar umas cem vezes que as tais *rádios piratas* derrubam aviões. E ele, candidamente, repetiu a lição que aprendeu da mídia. O passageiro teve vontade de perguntar quantos aviões tinham sido derrubados por alguma *rádio pirata*. Quis perguntar se o acidente da TAM, em Congonhas, em 2007, tinha sido provocado por alguma *rádio pirata*. Quis perguntar se o acidente da GOL, no ano anterior, também tinha sido provocado por alguma terrível rádio daquelas. Mas, desistiu. Sentiu-se derrotado pela avalanche da mídia... “que é neutra e só fala do que realmente aconteceu”. Foi pego por um ataque de desânimo e deixou o taxista andar por aí, quem sabe com medo de que um avião, derrubado por uma *rádio pirata*, caísse na sua cabeça.

Esse é um dos muitos exemplos que podemos tomar para mostrar a tremenda piada de mau gosto que é falar de independência, neutralidade, objetividade da mídia.

Essa piada não tem graça, porque a vítima somos nós mesmos.

Essa visão ingênua se propaga como uma praga, quase naturalmente. Mas, ao lado disso, há toda uma construção e reprodução deste mito pelos donos da própria mídia que necessitam dele para garantir seus negócios. Sua hegemonia. É só conferir quantas vezes esta mitologia sobre as *rádios piratas*, de uma forma ou de outra, foi veiculada nos grandes canais de televisão e nas grandes rádios.

Por isso, é evidente que temos que usar a mídia como fonte, mas é preciso saber qual seu grau de confiabilidade. Qual sua prática de relativa imparcialidade ou de total subserviência aos interesses de classe dos seus donos.

Quais os interesses dos donos das concessões de rádio e televisão de não deixar vingar as rádios alternativas e comunitárias? Qual então a confiabilidade de dados coletados desses noticiários controlados pelos interesses de classe dos que, por direito divino, possuem uma chamada concessão pública, que de público não tem nada?

Vejamos a prática de todos os jornais, revistas, canais de televisão e rádios durante uma campanha presidencial. Na última, em 2006, foi escandaloso ver toda a mídia fazer declarações de neutralidade, imparcialidade. Ninguém, nesse meio, tinha candidato. Sabemos que foi exatamente o contrário. Toda a mídia, escrita, irradiada e televisionada, apoiou o mesmo candidato. Um direito inalienável: eles têm direito de ter candidato, não se nega. Só que toda ela mentiu, disfarçou, desconversou e, afinal, disse que não tinha lado. Não tinha preferência por nenhum candidato. Eles têm direito de ter candidato, não têm direito é de mentir, fingir que não têm.

A única exceção entre a “grande mídia” foi a revista *Carta Capital*. Esta revista assumiu sua escolha. Fez as críticas e restrições que achava justas, mas, em conclusão disse: nosso candidato, o candidato da revista, é Lula.

Para termos uma pálida idéia da distorção, encobrimento da verdade, distorção dos fatos e coisas parecidas, nada melhor do que ver dois casos de como age a mídia, em nosso país. Um exemplo é como a *TV Globo* trata o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). O outro é como a *Veja* tratou o acidente do Metrô, em janeiro de 2007, em São Paulo. Vale a pena lembrar.

O objetivo de analisar, rapidamente, estes casos é nos convenceremos da necessidade de selecionar com muita atenção as fontes que usamos para embasar nossa análise de conjuntura. Toda fonte da mídia comercial/empresarial só pode ser usada com muita cautela. Sem esses cuidados é muito fácil embarcar numa canoa furada.

Caso 1

O Globo e as ocupações do MST

Vamos aqui nos deter sobre o caso de uma notícia sobre uma ocupação promovida pelo MST na véspera do Natal de 2007. O jornal *O Globo* noticiou o fato, no dia 25 de dezembro. Quem leu, muito provavelmente ficou com a nítida impressão de que o MST é composto por um bando de vândalos que se diverte invadindo fazenda e destruindo bens, sem nenhuma consciência histórica ou cultural. Eles resolvem invadir, assim, sem mais nem menos, e pronto.

O fato, como realmente aconteceu, é simples. Na cidade de Valença (RJ), no dia 8 de dezembro, 75 famílias do MST ocuparam uma fazenda antiga, que estava em processo de desapropriação. Esta dita fazenda “histórica” ficou um tempão sem produzir quase nada, até o MST descobri-la. O movimento fez denúncia ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). O instituto vistoriou a fazenda e declarou que estava fora de qualquer padrão de produtividade. Isto é, os donos deveriam ser indenizados, pelo preço do mercado, e a área deveria ser aproveitada para fazer reforma agrária. Uma medida legal, sem nada de expropriação, muito pelo contrário.

Pois bem, os donos da dita fazenda não gostaram da idéia de uns miseráveis saciarem sua fome nas sagradas terras deles e decidiram colocar ali umas vaquinhas para dar a impressão de produtividade e organizar excursões culturais à sede da nobre fazenda. E os sem-terra? Deverão continuar a ser sem-terra. Não é esse o nome deles?

Bom, no dia de Natal, *O Globo* vem com uma notícia que é uma obra de arte. É uma verdadeira mágica, ou melhor uma escola de mágicas.

Vale a pena ler a íntegra da notícia do *jornalão* carioca para ter uma idéia do nível de confiabilidade que podemos ter nas informações da mídia.

Vejamos o que disse *O Globo*: “Propriedade construída em 1830, produz café e feijão e tem atividades pecuárias”. Diz o jornal tratar-se de uma fazenda histórica, ponto turístico integrado ao projeto Preservale. “É uma brutalidade invadir uma propriedade privada, produtiva e com os impostos em dia”, disse o presidente da Preservale.

Neste caso, *O Globo* não mentiu. Mas fez algo tão grave quanto mentir. O jornal escondeu que, em 2005, o Incra fez vistoria na fazenda e a classificou como improdutivo, já que ela estava muito abaixo da produtividade que aquela terra podia e devia ter. Com esse laudo, o instituto enviou o processo de desapropriação para a Casa Civil.

O pedido foi aprovado por aquela Casa e pela Presidência da República. Hoje, está em fase final de desapropriação. Só falta o Incra depositar o dinheiro da indenização ao dono e entregar o título de posse final às 75 famílias acampadas na fazenda desde o dia 8 de dezembro último.

O Globo, com sua mágica, fez desaparecer o Incra, fez desaparecer o laudo de improdutividade, e fez desaparecer o MST. Cadê a piada de “ouvir os dois lados”? Cadê o outro lado?

MST invade fazenda histórica em Valença

Propriedade, construída em 1830, produz café e feijão e tem atividade pecuária

Paulo Roberto Araújo e
Dicler Simões

• O Instituto de Preservação e Desenvolvimento do Vale do Paraíba (Preservale) denunciou na sexta-feira passada ao Ministério Público de Barra do Piraí a invasão da Fazenda São Paulo, que fica a 15 quilômetros do Centro de Conservatória, no município de Valença, no Sul Fluminense. Construída em 1830, a propriedade histórica, de 300 alqueires, foi invadida no dia 8 de dezembro por 75 famílias do Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST). A São Paulo, que produz café e feijão e tem atividade pecuária, é uma das 25 fazendas do Sul Fluminense que integram o Preservale, que atua na proteção do patrimônio histórico e do meio ambiente.

O diretor-geral do Preservale, Paulo Roberto dos Santos, disse que as famílias ocuparam a parte histórica da fazenda, incluída no cir-

cuito turístico do Vale do Paraíba, e que há risco de degradação da mata nativa, preservada há anos pelos proprietários do imóvel, que tem arquitetura neoclássica colonial e recebe visitantes do Brasil e do exterior. Por causa da invasão, hotéis da região deixaram de indicar a visita da da São Paulo para turistas.

— É uma brutalidade invadir uma propriedade privada, produtiva e com os impostos em dia, sem nenhuma pendência com dívidas — disse o presidente do Preservale.

O Secretário estadual de Agricultura, Chistino Áureo, disse que outras quatro fazendas do Sul Fluminense foram invadidas por famílias de lavradores de Barra do Piraí e Valença e por sem-teto de Volta Redonda.

— Além do dano ao patrimônio, também há dano à economia. Os donos ficam receosos de investir nas propriedades. ■

O GLOBO 25 de dezembro de 2007

O que este fato nos diz?

Que para se fazer uma análise de conjuntura que, por exemplo, tenha como tema a questão agrária, não se pode confiar nos dados fornecidos pela imprensa. Precisamos compará-los com dados dos movimentos que lutam pela reforma agrária, com dados do governo e com outras informações de institutos especializados no tema.

Se pensarmos nos dados divulgados pelos governos, veremos que por lá também há problemas. Foi exatamente a descoberta de uma fraude nos índices de inflação do ano de 1973, quando o ministro do Planejamento era o economista Antônio Delfim Neto, que levou os trabalhadores a uma das mais vigorosas reações trabalhistas da história do Brasil. A chamada “campanha da reposição salarial” do ABC, que no início da década de 1970 contribuiu para organizar assembleias de milhares

de trabalhadores e foi a semente das greves que viriam depois. Uma informação, uma fraude, uma centelha.

Quanto aos institutos de pesquisas, o problema persiste. Há os que fazem pesquisas já predeterminados a encontrar um ou outro resultado. E o modo como a pesquisa é divulgada, os resultados filtrados, as manchetes, tudo isso contribui para fazer de uma ‘meia verdade’ uma grande mentira.

Diante dessas dificuldades, cabe ao pesquisador, ao estudioso, confrontar dados de várias fontes e ver se eles conferem. Ver se eles podem esconder algo. Ver se eles podem interessar a alguém. Em caso de não conferirem, é preciso que as fontes, embora apresentem dados contraditórios, sejam levadas em consideração.

**Para nós, uma lição é clara:
não se pode confiar na mídia empresarial
para ter dados absolutamente confiáveis
e fazer nossa análise de conjuntura.**

Caso 2

A VEJA E O ACIDENTE DO METRÔ EM SÃO PAULO

Janeiro de 2007. Ainda estava no ar a fumaça do tiroteio das recentes eleições presidenciais em que a disputa por votos se concentrou nos candidatos Lula e Alckmin.

A mídia empresarial concentrou suas preferências no candidato Alckmin. Toda ela e, mais especificamente, a revista *Veja*, incansável porta-voz da direita. Toda esta mídia se esmerou em mostrar as virtudes do seu candidato, que daria um “banho de gestão” na política pátria. Uma gestão transparente, honesta e competente.

De repente, não mais que de repente, eis que aparece um buraco inesperado nas obras de uma estação de metrô, para desmistificar toda a propaganda do seu ex-candidato.

Exatamente lá em São Paulo, numa estação muito famosa do metrô em construção, em Pinheiros. Detalhe insignificante... a menos de 500 metros da nova sede da *Editora Abril*, aquela que semanalmente edita a *Veja*. Do alto de suas janelas dava para ver o buraco, fotografá-lo e mostrá-lo para o Brasil. Dava. Ou melhor, daria. Se a revista tivesse interesse em mostrá-lo.

Mas como mostrar esse buraco, fruto evidentemente da gestão do governo que venceu seu mandato 17 dias antes? Como falar deste buraco se o candidato da editora, não declarado, evidentemente, falava exatamente o contrário?

Cadê a transparência, a eficiência e a competência? E aí? Vamos tentar escondê-lo. Encobri-lo. Ver se o Brasil o esquece. Pena que a *Rede Globo* estava dando um espaço grande ao tal desastre do metrô em São Paulo. Dane-se. Vamos tentar esconder este buraco feio demais.

Cuidado com fatos mágicos

E assim foi feito. O acidente foi no dia 12 de janeiro. A capa da revista do dia 17 sai com uma manchete simpática, com duas palavrinhas: “Parece mágica”. Sim, essa era a manchete para encobrir o buraco do metrô.

Ao lado da manchete altamente instigadora, a revista traz uma foto de página toda com um inocente coelhinho branco. O artigo principal fala das empresas de informática no Vale do Silício, nos EUA.

Qual a razão deste artigo de capa? Por acaso não daria para este artigo esperar para ser colocado na semana seguinte e, na capa do dia 17 colocar o acidente no metrô de Alckmin?

Daria de sobra, se o interesse da revista fosse informar seus leitores. Aí daria para falar que durante a gestão do candidato da *Abril* foram mudadas as regras de fiscalização das obras do metrô.

Não seria mais uma fiscalização pública, como era até aquele momento, a cargo da Companhia de Metrô de São Paulo. O candidato Alckmin mudou o mecanismo. A partir de 2006, véspera da eleição presidencial, quem passaria a fiscalizar as obras seriam nada menos que as próprias empreiteiras. Algo como colocar um cabrito para tomar conta de uma horta de alface. Brincadeira? Não, coisa séria, muito séria.

Como falar dessa mudança de legislação sem envolver o tal candidato? Não daria. Além do mais, o sindicato dos Metroviários de São Paulo, em setembro, véspera da eleição, tinha distribuído centenas de milhares de panfletos com esta denúncia.

Como não falar disso? Simples. É só colocar um coelhinho na capa e uma manchete tipo “Parece mágica”, que a mágica está feita. Realmente, parece mágica. E que mágica! Esconder um buraco que tragou quase cem casas e engoliu uma porção de gente!

E na semana seguinte? A notícia do acidente foi capa da dita revista? Quem sabe havia faltado tempo para fazer uma capa com a notícia, no dia 17. A lógica

mandaria que na semana seguinte o acidente de São Paulo fosse capa da citada revista.

A lógica? Qual lógica? A ética? Qual ética? A única lógica, a única ética é... não atingir o candidato queridinho. E aí? Nova capa para encobrir o buraco que engoliu casas e matou gente. Eis a nova capa, com uma manchete vislumbrante: *"Humanos e caninos, uma história de amor"*. No miolo da revista é verdade que até a *Veja* teve que tratar do tal buraco. Dedicou três páginas ao tema. Falou das possíveis

culpas de todo mundo. Desde São Pedro com sua chuva até qualquer outra causa. Tocou em tudo, menos "nele". No candidato de 2006, não. Ao lado disso dedicou nove páginas ao sagrado tema do amor entre humanos e caninos, um assunto altamente atual, importante, decisivo...

Só a título de exemplo: há mídia e mídia. Na revista *Carta Capital*, que saiu no mesmo dia da *Veja*, dia 17 de janeiro, a manchete era: "São Paulo no buraco" com uma grande foto do acidente.

Agradecemos à *Veja* por sua aula onde escancara a parcialidade da mídia empresarial / comercial. Evidentemente, este tipo de jornal ou revista não pode ser tomado como fonte confiável para uma análise de conjuntura. Agradecemos a esses exemplos que nos mostram como age a mídia. Eles nos ensinam que notícias da imprensa, ou melhor, da mídia comercial, só podem ser tomadas como referência para análises políticas com muitíssimo cuidado.



- 1 – Os atores sociais influenciam a conjuntura
- 2 – Atores e atrizes são elementos da conjuntura
- 3 – Uma lição que vem de longe

Capítulo 7

Atores e planejamento da ação

Até aqui, vimos a quantidade enorme de informações que são necessárias para fazer uma análise de conjuntura mais abrangente, isto é, útil. Falamos que precisamos levar em conta o quadro econômico e político nacional e internacional. Levar em conta a história, a política, enfim, dezenas de elementos.

Vimos que a análise de conjuntura da qual estamos falando se destina a permitir uma ação mais eficiente de trabalhadores organizados em sindicatos ou movimentos que visam conquistas concretas e mudanças profundas na sociedade. Ou seja, uma análise que serve para fazer um planejamento estratégico da ação.

O que falta ver, agora, é qual o papel dos indivíduos nesse quadro, nesse planejamento. Qual a interferência dos atores na ação de transformar a conjuntura a seu favor? Estamos falando de atores, como num teatro. Só que estamos no teatro da vida, das ações concretas de diferentes efeitos e conseqüências. Elas vão do lançamento de uma campanha salarial à decisão, infinitamente mais simples, de comprar uma geladeira ou pagar um curso de atualização em História.

Ao falarmos de atores e atrizes sociais, logo pensamos em teatro, cenário, movimentos dos personagens, personalidade dos personagens, intenções, motivos, limitações do contexto.

1 – OS ATORES SOCIAIS INFLUENCIAM A CONJUNTURA

De novo, é preciso lembrar que o quadro, o cenário, não é estático. Na luta social e, especificamente na luta sindical, temos que levar em conta o confronto entre vontades dos vários atores e atrizes. O sucesso de uma luta não depende apenas das circunstâncias “objetivas”. Depende, também, dos atores sociais, de seus cálculos e de suas ações.

Para analisar corretamente a realidade em que se age é preciso identificar quais os atores sociais e políticos que têm importância nesta realidade. Conhecer quais são seus interesses, valores e inclinações. Entender quais as forças que atuam sobre esses atores e, conseqüentemente, sobre aquele determinado quadro social.

Esses atores devem ser compreendidos como partes de um todo em constante mudança. Partes que se interrelacionam e que agem umas sobre as outras. Ora estão em equilíbrio, ora em harmonia, ora em conflito e confronto. Isto fica muito visível na vida e na luta sindical. Muitas vezes, os componentes subjetivos adquirem maior peso que os objetivos. A influência da personalidade de um diretor sindical, dos seus interesses políticos, e às vezes pessoais, pode ser determinante na tomada de uma decisão coletiva.

Analisar uma conjuntura é, então, descortinar uma janela e reconhecer, através dela, quais os personagens que estão encenando uma determinada história, quais os códigos que os mobilizam, quais os interesses históricos e imediatos em jogo, quais as regras do jogo e qual é a atuação de cada ator e cada atriz.

2 – ATORES E ATRIZES SÃO ELEMENTOS DA CONJUNTURA

Esquemáticamente podemos analisar a ação dos atores e atrizes dentro do cenário da conjuntura observando as transformações econômicas, políticas e culturais que eles podem influenciar e direcionar. Vejamos:

1 - Transformações econômicas

- **Quem controla a terra?** Qual sua visão ideológica? Qual sua concepção a respeito da propriedade? Qual sua força para influenciar e, muitas vezes, determinar os rumos do país, através do seu grupo parlamentar, de sua influência no judiciário, no aparato policial?

- **Quem controla os mercados?** Qual sua capacidade de ditar a política econômica do país, através dos seus financiamentos a campanhas escusas? Qual seu poder de criar e sustentar os famosos “caixa dois”, a lavagem de dinheiro e por aí vai?

- **Como se dá o controle dos fluxos financeiros?** Como vão os famosos paraísos fiscais e seu poder sobre políticos totalmente inescrupulosos?

2 - Transformações políticas

- **Qual o papel do Estado** no contexto da política neoliberal vigente?

- **Qual o peso dos três clássicos poderes** e das várias instituições da sociedade?

- **Qual o funcionamento das estruturas da sociedade civil**, das universidades públicas e privadas às Igrejas Universais, Da Graça Divina, etc? Qual o peso tradicional da Igreja Católica para acelerar ou bloquear as pesquisas com células-tronco?

- **Como funcionam as estruturas partidárias e sindicais, hoje?** Qual o papel da clássica central sindical nascida nos anos 1980, a CUT? E qual o papel das suas confederações? E as outras centrais nascidas durante esta primeira década do século XXI? Qual seu poder de fogo, de mudar os rumos dos acontecimentos?

3 - Transformações culturais

- **Quem controla os fluxos de informação:** jornais, rádios, TVs, revistas e editoras? Qual o peso de uma novela da *Globo* para condicionar e muitas vezes determinar comportamentos e valores?

• **Quem orienta as percepções e decisões dos indivíduos?** Até aonde vai a autonomia dos atores individuais frente ao bombardeio coletivo via programas como o *Big Brother Brasil* ou *A Praça é Nossa*?

Na história da humanidade, tradicionalmente, as idéias modelam a realidade percebida. Seleccionam o que percebemos, sugerem o que devemos julgar digno de notar, seleccionam o modo de ver as coisas e as imagens que fazemos do mundo. Cada um vê coisas diferentes, dependendo de muitos fatores que modelam sua consciência, seus hábitos mentais.

A luta no terreno das idéias é algo que se faz diariamente, a cada hora, em cada rua, casa por casa. Não é outra a explicação da origem de dezenas e depois centenas de jornais e revistas, na entrada da era contemporânea. Nasceram para defender os interesses da classe que os produzia, que os financiava.

3 - UMA LIÇÃO QUE VEM DE LONGE

Desde o começo do século XIX os trabalhadores sempre procuraram influenciar o maior número possível de “companheiros” e a sociedade em geral, com seus jornais. Procuravam mudar a subjetividade dos atores e atrizes sociais. Um exemplo: em 1825, em Manchester, Inglaterra, com o fim da proibição de se formar sindicatos, nasce a União dos Fiadores de Algodão. Rapidamente chegará a 100 mil membros e, para essa tarefa, cria seu jornal semanal: *Voz do Povo*.

No Brasil, como exemplo de uma comunicação dos trabalhadores que procurava difundir novos valores e levar para a ação, temos o esforço de criação e sustentação de centenas de jornais operários, desde o começo do século XX. Uns eram tipicamente sindicais/operários. Outros eram mais políticos, de caráter anarquista. Mas o fato é uma grande proliferação de instrumentos de formação e informação dos atores sociais da época.

Só a título de exemplo, podemos lembrar do ano de 1919, quando, no Brasil, existiram dois jornais operários diários: *A Plebe*, em São Paulo, e *A Hora Social*, em Recife.

É uma lição de combate corpo-a-corpo. Guerra de guerrilhas para convencer milhares de trabalhadores daquela época a serem atores e atrizes conscientes na grande jornada de luta da classe operária brasileira, numa luta que se iniciava.

Qualquer observador político atento, hoje, sabe que o grande capital tem armas poderosas para condicionar as consciências dos atores e atrizes sociais. Eles têm tanques, porta-aviões, mísseis de todo tipo. Aqui no nosso país, nós sabemos, eles têm... a *Globo* e suas imitações.

Os trabalhadores e as trabalhadoras têm armas menores, leves, para o combate guerrilheiro: panfletos, rádios-livres, Internet, com toda a variante de instrumentos à disposição. Do boletim, ao *blog*, ao panfleto, à revista, ao jornal, ao programa de rádio comunitária, a uma palestra numa escola para pais e alunos.

Nossos atores e atrizes sociais têm um vasto arsenal, ágil, versátil, personalizado e sempre à mão.

Qual a grande diferença entre o exército profissional deles e o nosso? São exatamente os atores e as atrizes sociais. Em qualquer análise de conjuntura precisamos levar em conta a ação, a atuação e a capacidade de reação desses agentes sociais. Desses atores e atrizes sociais. Estes podem fazer a diferença e determinar o resultado de tal ou tal batalha.

**A conjuntura não é quadro, com uma pintura ou uma foto,
pendurada em uma parede.**

**Uma análise puramente estática da conjuntura, uma fotografia fixa
pode levar ao desânimo frente ao poderio do inimigo.**

**Ao contrário, uma análise que leva em conta a atuação
dos atores e atrizes sociais, das forças do povo,
das forças da união para a luta dos trabalhadores,
pode mudar completamente a visão da realidade.**

A visão de conjuntura pode levar milhares à luta para mudar aquela conjuntura.



Capítulo 8

Analisar para transformar

É célebre a frase de Marx, na última das 11 “*Teses sobre Feurbach*”, publicadas em 1845. Ele distingue entre a função de conhecer por conhecer, da função dos filósofos socialistas, de interpretar para transformar.

Interpretar para contribuir com a luta de classes em curso na sociedade. Para Marx, o trabalho de interpretação dos filósofos só teria sentido se fosse para dar elementos para a luta dos trabalhadores. Dizia Marx:

“Até hoje os filósofos só fizeram interpretar o mundo de diferentes maneiras. Agora, trata-se de transformá-lo”.

É esse o nosso ponto de vista, ao falar de análise de conjuntura. Analisar sim, com o máximo de seriedade possível, mas com um objetivo muito nítido. Analisar, entender, compreender para agir, para atuar, para transformar o quadro que descrevemos. Enfim, analisar para revolucionar, no sentido mais amplo da palavra.

Em 1914, um jornalista estadunidense escrevia, com precisão:

Ou seja, analisamos, planejamos e definimos estratégias para mudar aquilo que não achamos “natural” nem aceitável. Como dizia Marx, analisar para “transformar a realidade”.

Esta é lição de milhares de militantes do vasto movimento dos trabalhadores, no Brasil e no mundo. Muitas vezes, análises equivocadas levaram a tremendos fracassos das forças que lutavam por uma transformação, na nossa história e na história do mundo.

No nosso quintal é só lembrar a total derrota que, polidamente, chamamos de “o levante de 1935”, levado a cabo pela Aliança Nacional Libertadora, sob o comando de devotados militantes comunistas. As análises feitas, nacionalmente e internacionalmente, não passavam de devaneios. As informações passadas pelos comunistas do Brasil para a 3ª Internacional eram pura fantasia. Eram desejos sinceros que não tinham nenhuma base real.

A conseqüente análise da conjuntura nacional feita a partir daquelas informações só podia ser completamente equivocada. E o resultado não podia ser outro. A derrota veio a cavalo.

Esse fracasso não impediu que 18 militantes de esquerda, entre eles o sempre sorridente Apolônio de Carvalho, fossem continuar sua luta na Guerra Civil Espanhola e depois na Resistência Francesa. Mas esta é outra história.

Na história da esquerda brasileira, talvez, a análise de conjuntura mais equivocada foi aquela feita pelo Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) e pelo PCB, às vésperas do golpe de 1964. Tanto o CGT quanto o

“Não podemos mais tratar a vida como algo que corre naturalmente em nossa direção. Temos que lidar com ela de modo deliberado, identificar sua organização social, alterar suas ferramentas, formular seus métodos, educá-la e controlá-la. De muitos modos, nós colocamos a intenção onde antes reinava o costume. Quebramos a rotina, tomamos decisões, escolhemos nossos fins, selecionamos os meios.”

PCB não acreditavam na iminência do golpe. A direita, imaginavam, não teria coragem para tanto.

Em dezembro de 1963, o chefe da esquadra naval, o almirante Aragão, conhecido como o “Almirante Vermelho”, já tinha dado garantias de que, se precisasse, “em meia hora tomaria a cidade [do Rio de Janeiro] e arrasaria com o Palácio Guanabara.”

No mês seguinte, o secretário geral do Partido, Luiz Carlos Prestes, no Recife(PE), tinha afirmado a jornalistas que o questionavam que “os comunistas não estavam no governo, mas já estavam no poder”. O mesmo Prestes, em 27 de março, quatro dias antes do golpe, num discurso na ABI, no Rio, chegou a afirmar que “se o golpe viesse, os golpistas teriam suas cabeças cortadas”.

E o CGT continuava se iludindo que ao simples estalar de um dedo o Brasil todo pararia. Pois veio o golpe de 31 de março. O CGT esqueceu de estalar o dedo e faltaram foices para os anjos cortarem as cabeças dos golpistas.

Que lições tirar destes fatos? Há centenas. Mas uma diz respeito ao nosso tema. É a necessidade de uma análise concreta da situação concreta. E isto, não só na véspera, mas durante anos a fio. Armados com esta análise, tentar planejar uma ação que tanto pode ser de avançar como de recuar.

1 – UM EXEMPLO DE ANÁLISE ACERTADA

Internacionalmente, as forças de esquerda que analisavam a conjuntura para agir sobre ela erraram muitas vezes; mas acertaram outras tantas.

Para não ficar só nas derrotas, vamos olhar para a *Resistência Argelina*, de 1950 a 1960. A liderança analisou a conjuntura e viu que dava para enfrentar o império colonial francês e derrotá-lo. Fizeram todas as suas hipóteses, pesaram os fatores pró e contra. Certamente pesou muito a situação das várias colônias da África e Ásia em sua luta de libertação nacional.

A luta não foi fácil. Nada de flores. É só rever o magnífico filme, um dos melhores filmes políticos já

produzidos, de Gillo Pontecorvo, *A Batalha de Argel*, para confirmar o que dissemos acima.

Nesta obra prima, encontramos dezenas e centenas de atores e atrizes a serviço da causa da Revolução Argelina, dispostos a jogar suas vidas nesta empreitada. Poderia ter sido mais uma aventura de sonhadores. O que garantiu a vitória foi a análise correta, sem ilusões, sem pessimismos, da situação concreta, naquele momento determinado.

2 – MUDAR A CORRELAÇÃO DE FORÇAS

Analisar a conjuntura, na visão de Marx, é estudar, pesquisar, ponderar e julgar se há condições de inverter uma situação desfavorável.



Na sua visão da história, evidentemente, a classe trabalhadora estava numa situação desfavorável. Os filósofos, os estudiosos, as lideranças deveriam, então,

analisar as condições de reverter esse quadro. Como se diz no jargão político, as condições de mudar a “correlação de forças”.

**Este é o sentido deste caderno:
dar dicas, pistas, indicações para ajudar a tarefa
de transformar a realidade a partir de análises fundamentadas.
Ou seja, a partir de uma análise da conjuntura acertada.**

Qualquer campanha de um sindicato precisa estar assentada numa análise acertada da realidade. Isto se aplica a uma campanha de sindicalização ou a uma campanha salarial. Até para ações mais limitadas, como um plano

de sensibilização dos profissionais da educação de uma escola isolada é preciso fazer a tal análise de conjuntura. Sem isso não teremos nem aumento, nem novos filiados e nem gente para uma simples reunião numa escola.

**Em síntese, como poderia nos dizer Marx,
para “transformar o mundo” precisamos,
como primeiro passo, saber “interpretá-lo”.**

É isso que é fazer análise de conjuntura.

No caso da Argélia de 1960, os revolucionários que lutavam contra o colonialismo tiveram que fazer uma séria análise para desfechar a batalha final pela libertação da capital, Argel, e, assim, acabar com o domínio colonial.

Para o caso do Brasil de hoje, cada movimento precisa fazer sua análise para planejar sua luta e alcançar a vitória.

Fazer uma análise, por exemplo, para que os sindicatos dos trabalhadores em educação consigam dobrar as barreiras que se interpõe em seus caminhos e conquistem as suas reivindicações imediatas e histórica.

Bibliografia Básica

- ARBEX**, José Jr. *O Jornalismo Canalha*. SP: Casa Amarela, 2003.
- BRITO**, Valério. *Rede Globo – 40 anos de Poder e Hegemonia*. SP: Boitempo, 1998.
- FAORO**, Raimundo. *Os Donos do Poder*. Porto Alegre: Globo, 1976.
- GIANOTTI**, Vito. *Histórias das Lutas dos Trabalhadores no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- HOBBSBAWN**, Eric. *A Era dos Extremos. O breve século XX*. SP: Companhia das Letras, 1994.
- LIMA de**, A. Venício. *Mídia: Teoria e Política*. SP: Fundação Perseu Abramo, 2001.
- MARINGONI**, Gilberto. *A Venezuela que se Inventa*. SP: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- MARX**, Karl. *Teses sobre Feurbach, Teses sobre Feuerbach, 1845*
- MORAES**, Reginaldo. *Neoliberalismo, de Onde Veio e para Onde Vai*. SP: Senac, 2002.
- SADER**, Emir. *Século XX*. SP: Fundação Perseu Abramo, 2002.
- SANTIAGO**, Claudia. Resenha crítica do artigo “Israel, Palestina e a língua do P: paus, paz e pedras no meio do caminho”, de Flavio Limoncic, 2007.
- SOUZA**, Herbert José de. *Como se Faz Análise de Conjuntura*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- VIEIRA**, Juçara Braga. *Identidade Expropriada. Retrato do Educador Brasileiro*.
- JUSTIÇA GLOBAL** – Execuções sumárias no Brasil – 1997 – 2003
- ATLAS DA EXCLUSÃO SOCIAL NO BRASIL** – Cortes Editora, 2005.

Artigos

- VELASCO E CRUZ**, Sebastião C., *Educação & Sociedade*, ano XXI, no 72, Agosto/00. <http://www.scielo.br/pdf/es/v21n72/4197.pdf>.
- PARES**, Ernesto. *Como fazer uma Análise de Conjuntura?*, 2007.

48 Entidades Filiadas à CNTE

SINTEAC/AC - Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Acre
SINTEAL/AL - Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Alagoas
SINTEAM/AM - Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Estado do Amazonas
SINSEPEAP/AP - Sindicato dos Servidores Públicos em Educação do Amapá
APLB/BA - Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Estado da Bahia
ASPROLF/BA - Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Lauro de Freitas
SIMMP/BA - Sindicato do Magistério Municipal Público de Vitória da Conquista
SISE/BA - Sindicato dos Servidores em Educação no Município de Campo Formoso
SISPEC/BA - Sindicato dos Professores da Rede Pública Municipal de Camaçari
APEOC/CE - Associação dos Professores de Estabelecimentos Oficiais do Ceará
SINDIUTE/CE - Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação do Ceará
SAE/DF - Sindicato dos Auxiliares de Administração Escolar no Distrito Federal
SINPRO/DF - Sindicato dos Professores no Distrito Federal
SINDIUPES/ES - Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Espírito Santo
SINTEGO/GO - Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Goiás
SINPROESEMMA/MA - Sindicato dos Trabalhadores em Educação Básica das Redes Públicas Estadual e Municipais do Estado do Maranhão
SINTERPUM/MA - Sindicato dos Trabalhadores em Educação da Rede Pública Municipal de Timon/MA
Sind-UTE/MG - Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação de Minas Gerais
FETEMS/MS - Federação dos Trabalhadores em Educação de Mato Grosso do Sul
SINTEP/MT - Sindicato dos Trabalhadores do Ensino Público de Mato Grosso
SINTEPP/PA - Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Pará
SINTEM/PB - Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Município de João Pessoa
SINTEP/PB - Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Estado da Paraíba
SIMPERE/PE - Sindicato Municipal dos Profissionais de Ensino da Rede Oficial de Recife
SINPC/PE - Sindicato dos Professores do Município do Cabo de Santo Agostinho
SINPMOL/PE - Sindicato dos Professores da Rede Municipal de Olinda
SINPROJA/PE - Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Município do Jaboatão dos Guararapes
SINTEPE/PE - Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Pernambuco
SINPROSUL/PI - Sindicato dos Professores Municipais do Extremo Sul do Piauí
SINTE/PI - Sindicato dos Trabalhadores em Educação Básica Pública do Piauí
APP/PR - Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná
SISMMAC/PR - Sindicato dos Servidores do Magistério Municipal de Curitiba
SISMMAR/PR - Sindicato Dos Servidores do Magistério Municipal de Araucária
SINTE/RN - Sindicato dos Trabalhadores em Educação da Rede Pública do Rio Grande do Norte
SINTERO/RO - Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Estado de Rondônia
SINTER/RR - Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Roraima
APMI/RS - Sindicato dos Professores da Rede Pública de Ijuí
CPERS/RS - Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul - Sindicato dos Trabalhadores em Educação
SINPROCAN/RS - Sindicato dos Professores Municipais de Canoas
SINPROSM/RS - Sindicato dos Professores Municipais de Santa Maria
SINTERG/RS - Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Rio Grande
SINTE/SC - Sind. dos Trab. em Educação da Rede Pública de Ensino do Estado de Santa Catarina
SINDIPEMA/SE - Sindicato dos Profissionais de Ensino do Município de Aracaju
SINTESE/SE - Sind. dos Trab. em Educação Básica da Rede Oficial de Sergipe
AFUSE/SP - Sindicato dos Funcionários e Servidores da Educação
APEOESP/SP - Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo
SINPEEM/SP - Sindicato dos Profissionais em Educação no Ensino Municipal de São Paulo
SINTET/TO - Sindicato dos Trabalhadores em Educação no Estado do Tocantins

Projeto Gráfico

Esta publicação foi elaborada em 21 x 27,5 cm, com mancha gráfica de 18 x 23,5 cm, fonte ITC Oficina Serif 11 pt, papel offset 90g, P&B, impressão offset, encadernação grampeado.

Edição Impressa

Tiragem: 1.000 exemplares
Supernova Soluções Gráficas e Editora
Julho de 2014



Programa de Formação da CNTE

Um novo conceito de atuação sindical

Eixo 2
Formação de Dirigentes Sindicais

Realização:

CNTE Confederação Nacional dos
Trabalhadores em Educação *Brasil*
www.cnte.org.br

Filiada à
CUT
BRASIL

i
Internacional
da Educação

CEA

ESFORCE
ESCOLA DE FORMAÇÃO DA CNTE

Apoio:



Lärarförbundet
SINDICATO DE EDUCADORES DA SUÉCIA